

Teoria Psicanalítica 3

Resistências – Mecanismos de Defesa

INVEJA

O sentimento de inveja é, seguramente, um dos fenômenos que mais têm merecido da literatura psicanalítica um minucioso e aprofundado estudo quanto às suas causas e conseqüências. Uma revisão dos autores em relação ao estudo da inveja permite verificar quão importante e controvertida é a sua conceituação, tanto do ponto de vista da metapsicologia como da teoria e das aplicações na prática psicanalítica.

Inicialmente, cabe fazer uma distinção entre conceitos que, embora assemelhados, têm características próprias e específicas, tal como são os sentimentos de inveja, ciúme, voracidade, despeito e admiração.

Implica uma relação de objeto com uma única outra pessoa, e sempre remonta a uma relação diádica e exclusiva com a mãe, a quem o sujeito invejoso quis incorporar e ter a qualquer preço. Aliás, a etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos “in” (dentro de) e “vedere” (olhar), indica claramente o quanto este sentimento alude a um olhar mau que entra dentro do outro. Isso encontra confirmação nos conhecidos jargões populares do tipo: “mau olhado”, “olho grande”, ou uma torcida que “seca” o adversário, etc.

Uma outra significação etimológica possível decorre de quando o prefixo “in” designa uma negativa, uma exclusão, de modo que “in + vedere”, significa que a inveja está a serviço do indivíduo que, fortemente fixado na “posição narcisista” (ver capítulo 12), recusa-se a reconhecer (ver) as diferenças entre ele e o outro, que possui as qualidades de que necessita, ou inveja.

VORACIDADE

Consiste em um desejo veemente, impetuoso e insaciável, e que está excedendo ao que o indivíduo necessita e ao que o objeto é capaz, ou que está disposto a dar-lhe. Ao contrário da inveja, que está principalmente conectada com a projeção, a voracidade está com a introjeção. A voracidade, ou avidez, é inseparável da privação e da frustração, com as quais mantém uma dupla e íntima relação de causa e efeito.

DESPEITO

É um sentimento algo mesclado à inveja e que alude a um estado de ressentimento, um misto de

raiva e de pesar, devido à decepção com o objeto necessitado, pela preferência que este tenha dado a outrem. Consoante à sua etimologia, a palavra “despeito” (“de” + “spectare”) significa “olhar de cima para baixo, ficar sobranceiro, desprezar” (Koehler, 1938). No entanto, uma outra possibilidade é que ela resulte dos étimos latinos “des”(privação) + “pectus”. Conforme a mesma fonte acima, “pectus-pectoris” significa peito, mente, alma. Esta última morfologia (Heckler, 1984) comprova que o despeitado é o indivíduo que ficou sem o “peito” (seio provedor) e, daí, o surgimento de sentimentos invejosos, vingativos e retaliadores. Assim, a perfídia, que nos dicionários aparece como deslealdade, maldade, traição, é um sentimento diretamente derivado do “despeito”

CIÚME

É um sentimento intimamente ligado à inveja, porém compreende uma relação de, pelo menos, mais outras duas pessoas envolvidas, de tal sorte que o indivíduo com ciúme sente que o amor que lhe é devido foi roubado, ou está em perigo de sê-lo, pelo seu rival. Assim, o ciumento teme perder o que ele julga pertencer-lhe, enquanto a pessoa invejosa sofre ao ver que o outro tem aquilo que ele quer exclusivamente para si mesmo e, deste modo, é-lhe penosa a satisfação alheia a ele. No caso em que o ciúme é resultante de um uso excessivo de identificações projetivas, ele pode adquirir características delirantes.

ADMIRAÇÃO

Consiste em uma forma de sentir que se constitui em um excelente ponto de partida para a formação de sadias identificações com a pessoa admirada. Nos casos em que a inveja for excessiva, esse tipo de identificação boa pode ser substituído pelo emprego de imitações. Assim, é útil realçar que nem sempre é fácil reconhecer a diferença que delimita entre uma admiração sadia e uma idealização, nos casos em que esta é exagerada e patogênica. Tanto no estado de admiração como no de inveja, a identificação processa-se por meio do desejo inconsciente do sujeito em ser igual ao outro, que é o possuidor dos dotes admirados ou invejados. A diferença consiste no fato de que, na inveja, o desejo de ser igual fundamenta-se em uma cobiça voraz e destrutiva, e a identificação resulta imitativa e patogênica, enquanto na admiração prevalece um vínculo de amor e propicia uma identificação sadia.

Mais adiante, vamos estabelecer a vinculação e a graduação que existe entre a inveja, o ciúme normal e o ciúme delirante. É importante enfatizar que o objetivo maior deste assunto, que é o de demarcar a distinção entre a concepção da inveja como sendo a manifestação direta e primária do instinto de morte ou como uma forma de defesa, não é um mero exercício de retórica. Muito

pelo contrário, o tipo de entendimento do psicanalista em relação à gênese, ao significado e à função da inveja pode determinar profundas modificações em sua atitude psicanalítica, assim como na atmosfera do campo analítico, bem como na forma e conteúdo das interpretações.

UMA REVISÃO CONCEITUAL DO SENTIMENTO DE INVEJA

A origem do sentimento de inveja pode ser compreendida a partir de três perspectivas de concepção: a instintivista, a frustracionista e a narcisística.

FREUD

Os primeiros estudos, com sistematização psicanalítica acerca do sentimento de inveja, procedem dos ensaios de Freud em relação ao seu clássico conceito de “inveja do pênis”. Sabemos que muitas teorias sobre a feminilidade e sexualidade feminina, formuladas por distintos autores, basearam-se no aludido aforismo, sendo que o próprio Freud se manteve fiel a este ponto de vista. Assim, em *Análise terminável e interminável* (1937), ao apagar das luzes de sua imensa obra, Freud reitera o seu pessimismo quanto à remoção dessa inevitável inveja do pênis, que, “tal qual uma base de rocha, comporta-se como uma resistência irreversível ao trabalho analítico”.

Embora Freud tenha modificado a sua concepção original da organização genital infantil, centrada no monismo sexual fálico, e tenha estabelecido uma distinção entre uma, anterior, fase fálica, de uma outra fase posterior, essa sim genital, a verdade é que, ao longo de sua obra, a ênfase da sexualidade feminina incidiu no primado do falo. Essa concepção falocêntrica de Freud (levada ao extremo, pode-se dizer que a sua formulação seria essa: “mulher é um homem que não deu certo”) vem sofrendo pesadas críticas e, hoje, não encontra respaldo científico, sendo considerada como um dos poucos pontos frágeis de sua obra. No entanto, essa postulação de Freud merece uma revalidação a partir de um ponto de vista semântico, em que pênis é um designativo de falo, o qual, por sua vez, é um claro símbolo de poder.

Dessa forma, o conceito de inveja do pênis, como falo, continua sendo muito importante, desde que ele também seja extensivo aos homens, e que se leve em conta a importante participação do fator cultural. Aliás, essa última é a posição de J. Chasseget Smirgel (1991), uma autora contemporânea, para quem a masculinidade invejada não é a masculinidade objetiva e concreta; antes, é a masculinidade fálica, que daria um poder infinito e uma total segurança, liberdade e isenção de culpas. Diz Smirgel (na página 82): “É um desejo narcísico de virilidade que fará a cama da feminilidade”. Abraham, em um clássico e ainda vigente trabalho (1919), dá um significativo destaque ao sentimento de inveja na formação de resistências narcisísticas contra o tratamento psicanalítico por parte dos pacientes que ele considera como sendo “pseudocolaboradores”.

METAPSICOLOGIA DA INVEJA

Inúmeros fatores concorrem para a gênese, o processamento e as conseqüências do sentimento de inveja em todo e qualquer indivíduo. Guardando uma certa ordem cronológica, segue a enumeração de alguns dos mais importantes destes fatores.

1. O estado de neotenia, pelo qual a criatura humana atravessa um período muito prolongado de uma dependência total, absoluta e irrestrita, em relação à sua mãe.
2. Não se pode falar em inveja nas fases em que se mantém um estado de indiferenciação simbiótico-narcisística. A inveja propriamente dita coincide com os primeiros movimentos de uma discriminação entre o eu e o outro. De fato, deve ser um período de intenso sofrimento para a “sua majestade, o bebê” (Freud, 1914), o reconhecimento de que ele depende totalmente dos outros e que está à mercê da boa ou da má vontade (ou das capacidades) destes últimos.
3. Pela razão de que o lactente não distingue entre ele e a sua mãe, diante das sensações de frio, fome, dor ou solidão, ele “deduz” que no mundo já não há mais leite, bem-estar nem prazer, ou seja, que as coisas valiosas da vida desapareceram. Da mesma forma, provavelmente quando ele é atormentado pela ira, pelo choro intolerável e sufocante, ou pelas cólicas e evacuações dolorosas e queimantes, todo o seu mundo é sentido como sendo um vale de sofrimento, e ele também se sente como torturado e destruído, devendo tudo isso representar uma vivência de algo similar à morte (ansiedade de aniquilamento).
4. Tais experiências de privação despertam na criança o conhecimento da dependência, sob a forma de necessidades básicas, assim como o posterior conhecimento do amor, sob a forma de desejos que, quando excessivos, insaciáveis e compulsórios, constituem-se como demandas. Dessa forma, como assinala Joan Rivière (1957), na criancinha, uma necessidade ou um desejo insatisfeito vai dar origem a uma sensação similar à de um roubo, ou de uma privação injuriosa, e suscita a mesma agressão que lhe provocaria um real ataque dessa natureza. É preciso levar em conta que, mesmo no adulto, o afastamento de alguém ardentemente necessitado, desejado e amado não se produz sem ódio, despeito e espírito de vingança. Decorre de tudo isso que a dependência é sentida como algo perigoso, pelo fato de que ela implica na possibilidade de vir a sofrer privações muito dolorosas. Em nosso entendimento, é contra essa “dependência má” que a inveja se organiza.
5. Há, portanto, uma inevitável sucessão de penosas feridas narcisísticas, das quais as mais notáveis são: o reconhecimento da criança de que ela depende de outros que são os provedores das necessidades materiais e afetivas; a percepção de que existem diferenças entre ela e o adulto,

tanto de sexo, como de geração e de capacidades; a constatação pela criança de que ela tem imperfeições, limites e limitações impostas pela realidade, especialmente a inexorabilidade das experiências de separações e as de velhice, doença e morte.

6. Isso significa que, conforme assinala Gomes, em um recente trabalho (1998), “a inveja visa reduzir o sujeito e o objeto a uma uniformidade e igualdade, em que não há inveja porque não há nada a invejar. Podemos ver nisso uma das formas pela qual a inveja expressa o instinto de morte, cujo fim é criar o indifereciado, o homogêneo, sem estrutura, em última instância, um objeto desprovido de qualquer substância ou existência”.

7. O princípio da “evitação do desprazer” encontra a sua mais expressiva contraparte na busca por um estado de completude, ou seja, a de um retorno ao primitivo prazer paradisíaco, sob a forma de uma fusão imaginária com a mãe. A complexidade dessa situação intensifica-se quando coincide com o período evolutivo, no qual o pensamento não tem condições neurofisiológicas de fazer discriminações. Nestes casos, a função de pensar tem uma natureza sincrética, pela qual há um jogo dialético em que o “ter” e o “ser” se confundem. Este último aspecto tem uma especial importância na determinação dos processos identificatórios.

8. Ego ideal e ideal do ego. A crença da criança na fantasia de que ela ainda é a possuidora dos atributos onipotente-narcistas, própria do período de indiscriminação, constitui o ego ideal, o qual está sempre muito presente e atuante na pessoa invejosa. O ideal do ego, por sua vez, institui-se a partir do fato de que as expectativas idealizadas da criancinha em relação a si mesma, próprias do seu ego ideal, são projetadas nos pais e, aí, elas somam-se às expectativas narcisísticas específicas e próprias destes pais. Assim como o superego é o herdeiro do complexo edípico e o ego ideal é o herdeiro direto do narcisismo original, pode-se dizer que o ideal do ego nasce das ruínas do anterior e constitui-se como o herdeiro do narcisismo dos pais. Da mesma forma: o superego é o representante do que o indivíduo está proibido de ser, ter ou fazer; o ego ideal é o pólo da grandiosidade e das ambições, e o ideal do ego é o pólo do que o indivíduo, no futuro, deve, ou pode, vir a ser. Quanto maior for a distância entre o ego ideal e o ego real, maior será o sentimento de inveja.

9. Formação de fetiches. Comumente, o ego ideal fica depositado em algo ou alguém, que passam a ser os portadores dos atributos narcistas supervalorizados, como são os de beleza, riqueza, poder, inteligência e prestígio. Este “algo”, revestido destes valores narcistas do ego ideal, pode ser considerado um fetiche sempre que preencher as três condições mínimas que o caracterizam: uma é a de que ele suplemente, ou complemente, uma falta essencial; a outra consiste em uma metonímia, pela qual a parte passa a ser representada como sendo o todo; a

terceira condição que caracteriza o fetiche é o fato de que este “algo” invejado esteja a serviço de uma negação, do tipo renegação. (O termo original, em alemão, Verleugnung, costuma ser traduzido tanto por renegação, como também por denegação, recusa, ou desmentida, correspondendo, de certa forma, ao conceito de “- K”, de Bion). Essa renegação visa preencher o vazio da falha narcísica por meio de um fetiche. Quando a inveja for excessiva, a negação assume as características de forclusão, mais própria e determinante das condições psicóticas.

10. Um dos fatores mais importantes no surgimento do sentimento de inveja, quer como causa, quer como efeito, é o que resulta de uma excessiva idealização de uma outra pessoa, a qual se faz portadora de todas as qualidades valoradas, enquanto o sujeito que inveja entra em um círculo vicioso resultante de um auto-esvaziamento, acompanhado por uma autodesvalia, que acarreta mais idealização do outro, seguido de mais inveja, num circuito interminável. São inúmeras as conseqüências, conforme será detalhado mais adiante, que advêm da relação que o sujeito com inveja excessiva estabelece com as pessoas que ficam sendo as idealizadas e invejadas.

11. Nos casos de inveja excessiva costuma haver, proporcionalmente, um prejuízo na capacidade de formação de símbolos. Como sabemos, essa capacidade permitiria a substituição de um objeto ausente por um outro equivalente, presente ou abstrato. Ao invés disso, a valoração e a representação dos objetos ficam sendo de natureza concreto-sincrética, no nível do plano imaginário, essa é razão porque, na lógica do invejoso, não existe um objeto que seja análogo: o que há é um objeto único e incompartilhável. Nos casos extremos, como nas psicoses, costuma haver uma confusão entre o símbolo e o simbolizado, esse fenômeno foi descrito por H. Segal com o nome de “equação simbólica” (1954). Bion (1962), por sua vez, estudou com profundidade o fato de que a inveja exagerada impossibilita o indivíduo a tirar um aprendizado com as experiências frustrantes da vida e, assim, ele substitui a capacidade de aprender (que implicaria na passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, com a conseqüente formação de pensamentos elaborativos e, daí, ao juízo crítico, formação de conceitos e de abstrações) pelo incremento do uso da onipotência.

INVEJA E CIÚME

Existe uma vinculação direta e íntima entre a inveja experimentada para a pessoa representativa da mãe original e o desenvolvimento do ciúme. Essa conceituação independe do vértice teórico, quer este parta da inveja primária dirigida ao seio nutridor da mãe, ou do conceito de inveja secundária, como uma reação e como um mecanismo defensivo contra as frustrações e humilhações provindas do meio ambiente. A relação entre os sentimentos de inveja e ciúme

explica-se pelo fato de que o pai (ou o seu pênis) converteu-se em uma posse da mãe, e é por essa razão que a criança, mesmo nas situações triangulares, quer roubar para si ou a mãe ou o pai e ter a posse exclusiva de um deles. Quando esse tipo de inveja incide em meninas, pode ocorrer que, em sua vida posterior, o êxito em uma relação com os homens vá adquirir o significado de uma vitória sobre uma outra mulher. Reciprocamente, o mesmo ocorre com os homens.

É comum que os sentimentos de inveja e de ciúme coexistam na mesma pessoa, sendo que o grau de intensidade do ciúme percorre uma escala que vai desde um ocasional ciúme normal, passando pelo ciúme neurótico, de natureza possessiva, obsecante e torturante, até atingir o grau de um ciúme delirante, psicótico, em que há uma perda do juízo crítico. Há uma proporção direta entre o nível de ciúme e a intensidade da inveja, na medida em que ambos os sentimentos estão baseados na crença imaginária da posse absoluta do objeto idealizado.

Na inveja, prevalece uma hostil negação da dependência do objeto necessitado. No ciúme delirante, há o reconhecimento da dependência do objeto, porém este é intensamente idealizado, ao mesmo tempo em que ele é vivido como uma legítima posse da pessoa ciumenta, visto que a triangularidade é somente aparente, e o que predomina é uma relação diádica e uma indiscriminação entre o eu e o outro (todos hão de lembrar de um homicídio ocorrido no meio artístico brasileiro, no qual uma conhecida e bela atriz foi cruelmente assassinada por um casal, em que a mulher, impregnada por um ciúme delirante, dias antes do crime, induziu o marido à prática de uma recíproca tatuagem dos nomes de cada um deles nos genitais do outro, como uma forma de posse e de fusão eterna). No ciúme possessivo neurótico, também há uma excessiva idealização do objeto “amado”, porém já há uma discriminação e o começo de uma efetiva triangularidade, sendo válido afirmar que o ciúme possessivo constitui-se em uma ponte entre a inveja e o ciúme moderado. Neste último caso, há uma aceitação da dependência de um objeto bom e um considerável avanço na renúncia à idealização exagerada e às ilusões narcísicas.

Assim, pode-se dizer que a capacidade de dar e receber amor está negada na inveja patógena, enquanto ela está presente no ciúme possessivo. É útil deixar claro que as interconexões entre a inveja excessiva e as diversas formas de ciúme têm uma acentuada mobilidade, as quais podem reverter-se em um ou em outro sentimento.

CARACTERÍSTICAS DA PESSOA INVEJOSA

Como uma decorrência direta dos fatores metapsicológicos apontados, o indivíduo invejoso apresenta uma série de características que, virtualmente, estão sempre presentes e manifestas.

Destas, as mais notórias são as seguintes:

1. A inveja sempre se dirige a algo que já pertence a um outro.
2. Este “algo” (pode ser um atributo físico ou psíquico, um bem material, etc.) é significado como um fetiche altamente valorizado, e a sua falta é sentida como extremamente dolorosa.
3. Em seu registro imaginário, este algo cobiçado é sentido como sendo especial e único e, portanto, não pode ser compartilhado com mais ninguém. Por essa razão, o sujeito invejoso não se satisfaz em vir a possuir algo análogo ou igual ao que o outro, que ele inveja, já possui (se ele se contentasse com isso, a sua aspiração não seria mais do que um legítimo “desejo”, ou até da expressão de uma admiração, que poderia servir como uma saudável fonte de emulação). O invejoso quer possuir exatamente aquilo (objetos, atributos...) que já é uma posse do outro, para que esse fique despojado e ele seja o único a ter a posse do bem tão almejado, porquanto o mesmo está revestido de uma extrema idealização e das demandas do ego ideal, próprios da posição narcisista.
4. Devido à falha em seu registro simbólico, o indivíduo invejoso não se satisfaz com a obtenção de algo que seja equivalente ao que o outro possui, porquanto ele sempre parte do pressuposto de que o que é do outro é sempre melhor (isso pode ser facilmente observado quando duas ou mais crianças estão brigando pela disputa de um determinado brinquedo ou privilégio, ou nos adágios populares, do tipo de que “a grama do vizinho é sempre mais verde que a nossa”...).
5. Uma característica inevitável em toda pessoa invejosa é o de um permanente jogo de comparação com os demais, em que há uma única possibilidade: ou ele é o vencedor ou é o perdedor. Diante da hipótese de vir a ser humilhado como o perdedor, é comum que ele evite fazer comparações pelo recurso de não se arriscar a pôr em prova as suas legítimas capacidades e, dessa forma, acaba fechando as portas de muitas oportunidades que a vida lhe propicia. Como um reforço dessa posição, o sujeito invejoso prefere ficar abrigado no seguro mundo da ilusão e devaneio, enquanto torna-se um feroz crítico das realizações dos outros.
6. O indivíduo portador de uma inveja excessiva, devido à identificação projetiva da mesma, terá muito medo da inveja dos outros, tanto por parte de pessoas vivas e reais, como de mortos que estão internalizados. Por essa razão, é muito comum que ele tenha insucessos em sua vida, como uma forma de provar que ele não roubou nada de ninguém, e que sequer representa uma ameaça para os demais.
7. Há uma extrema sensibilidade à perda de qualquer coisa que tenha sido significada como

sendo boa e valiosa. Isso deve-se a uma lógica inversa do tipo: “Se eu não tenho, ou se perdi, é porque eu devo ser indigno e imerecedor de possuir o que é bom; o outro, sim, tem porque merece”.

8. Para amainar a extrema dor da privação, o invejoso somente encontra duas soluções. Uma é a de arrebatrar para si aquilo que é do outro, quer por meios violentos de voracidade, ou, o que é mais comum, por meio de uma sagacidade maquiavélica. A outra solução é a de privar o outro da posse do algo idealizado e cobiçado, o que comumente é feito por meio de um maciço denegrimento daquele. É útil acrescentar que a inveja não se restringe ao que o outro tem – de algo concreto –, mas também ao que o outro não tem, sempre que isso venha acompanhado do fato de que esse outro (o analista na situação analítica) manifesta a capacidade para tolerar e aceitar as faltas.

9. É preciso considerar que na criança, ou mesmo no adulto, que sinta como um abandono o afastamento de alguém ardentemente desejado e amado, isso não se produz sem ódio, despeito e juras de vingança. São pessoas ressentidas e rancorosas (esta palavra vem do étimo latino “rancidus”, que também dá origem a “ranço” e a “rancor”, sendo muito significativo o fato de que o sentimento de rancor esteja intimamente conectado com o ranço de um tempo antigo). Por essa razão, nos casos mais extremos, tais pessoas caracterizam os seus interrelacionamentos com as inúmeras variantes de desprezo, deslealdade, traição, infidelidade e perfídia.

10. Outras pessoas, igualmente despeitadas, ressentidas e rancorosas, podem passar as suas vidas colecionando injustiças e decepções, sendo que é importante levarmos em conta o fato de que uma indignação “justa” pode ser uma das formas mais terríveis e vingativas do prazer agressivo. Assim, elas buscam a completude de seus desejos excessivos e irrealizáveis, de tal sorte que costumam encontrar uma fonte gratificatória dos mesmos, a qual, no entanto, é de duração limitada. Logo, sobrevém uma decepção seguida por um afastamento, desprezo e rechaço homicida (por um pensamento do tipo: “Depois dessa, fulano morreu para mim”), e todo o ciclo recomeça imediatamente depois, com uma nova e inalcançável busca do paraíso perdido.

11. Da mesma forma como o “colecionador de injustiças”, também há o “colecionador de amizades”. Trata-se do indivíduo que tem uma grande necessidade de reunir e acumular uma grande quantidade de pessoas que lhe garantam o reassseguramento de que ele é um ser que, de fato, existe, e de que ele não é mau nem invejoso, pelo contrário, de que ele é bom e amado e que, além disso, nunca ficará sozinho, pois, se uma amizade faltar, sempre terá uma outra a quem recorrer. São pessoas que cultivam uma popularidade e fraternalizam as suas relações, sendo que, no fundo, elas podem estar utilizando o amor como uma forma de desviar o ódio e os seus

perigos. Para completar o quadro de seus inter-relacionamentos, vale registrar o fato de que a pessoa invejosa, quando for bem dotada de certos atributos valorados, costuma ser um “coleccionador de adoradores”, isto é, ele necessita ficar rodeado de pessoas, preferentemente mediocres (ao mesmo tempo tem uma intolerância pelos que são assim), que não representem-lhe uma ameaça em vir a despertar-lhe o tão doloroso sentimento de inveja e que, além disso, garantam-lhe o alimento necessário para a exaltação narcísica da auto-estima. Esta linha de entendimento permite compreender porque tais indivíduos apresentam dificuldades tanto com a geração mais jovem (a comparação para eles é intolerável), como com a velhice (lembra o colapso narcisista).

12. Como vimos, enquanto o ciumento teme perder o que ele julga possuir, o indivíduo invejoso sofre ao ver que o outro possui aquilo que ele quer exclusivamente para si mesmo e, assim, é penosa para ele a satisfação alheia. Assim, uma causa comum de inveja é a constatação da ausência deste sentimento em outros e, por essa razão, um importante método, sutil, porém muito freqüente, de defesa contra o surgimento da inveja, consiste em despertar esse sentimento nos demais. São os conhecidos e compulsivos “contadores de vantagens”.

13. Um outro método para defender-se da inveja, além do denegrimento do valor do outro, e de sua autopromoção, consiste em sufocar os sentimentos de amor e de trocá-los pelos de ódio porque estes últimos são mais fáceis de suportar, já que previnem uma insuportável frustração, ao mesmo tempo que mitigam os sentimentos de culpa, os quais ficam mais intensos quando prevalece o sentimento de amor.

14. Uma combinação dos dois últimos itens acima resulta no que pode ser descrito como a “técnica da provocação”, pela qual a pessoa invejosa busca espoliar o outro de atributos que este possui e que ele inveja. Assim, é muito comum que hajam situações analíticas em que o paciente invejoso consiga irritar o psicanalista, privando-o da tranquilidade invejada, e assim ele não teria que valorizar ou admirar o analista e nenhuma inveja seria mobilizada (B. Joseph, 1982).

15. O aspecto essencial de que ao invejoso não basta possuir o que o outro já possui – ao que ele significa de uma forma extremamente idealizada –, mas também que lhe é necessário que esse outro seja desprovido desses valores, mesmo que isso lhe custe prejuízos, encontra uma ilustração nesse conhecido conto do folclore popular: uma fada (ou bruxa?) propõe a um indivíduo invejoso o privilégio dele fazer qualquer pedido que ela lhe atenderia, com a condição de que um seu amigo (por ele invejado) ganhasse em dobro a mesma coisa. Pois bem, como é fácil adivinhar, o pedido que partiu do sujeito invejoso foi: “quero ficar cego de um olho”.

A INVEJA NA PRÁTICA ANALÍTICA

Durante muitas décadas, os psicanalistas, seguindo a Freud, deram uma prioridade especial, na análise de mulheres, ao aspecto da “inveja do pênis”, o qual era considerado o aspecto essencial (na análise dos homens, a maior resistência se deveria à homossexualidade sempre latente). Na atualidade, os autores estabelecem uma diferença muito significativa entre pênis (como um concreto órgão anatômico) e falo (um símbolo de poder que, comumente, também pode estar representado pelo próprio pênis). A partir dessa conceitualização, a técnica do psicanalista passa a ficar mais centrada no que poderíamos chamar de “inveja fálica”, e esta é extensiva aos homens.

Tendo em vista que o título deste capítulo é “Inveja: Pulsão ou Defesa?”, nada mais justo do que basearmos muitas das considerações que seguem pela evolução dos conceitos emitidos por Rosenfeld, tanto pela razão de que este psicanalista goza de um reconhecido respeito no mundo psicanalítico, como também por haver sido um dos poucos autores a terem trabalhado profunda e predominantemente com pacientes psicóticos, o que possibilita uma observação mais aguda da gênese e do manejo técnico da inveja. Uma terceira razão é a de que Rosenfeld nunca dissocia a teoria e a técnica de sua prática clínica e, por isso, suas concepções acerca da inveja sofreram sucessivas modificações ao longo de sua obra. Em seu último livro, *Impasse e interpretação* (1987), pode-se perceber claramente as aludidas modificações conceituais e técnicas, e creio ser legítimo afirmar que, inicialmente, nos anos 50, ele concebeu a inveja como sendo tanática primária, enquanto, a partir da década de 80, notadamente no que se refere à técnica, a sua inclinação é nitidamente direcionada a uma concepção da inveja como sendo uma reação defensiva.

Assim, gradativamente, Rosenfeld foi enfatizando a sua convicção de que a inveja dificilmente aparece diretamente no material do paciente, mesmo quando são feitas referências explícitas a ela, sendo que o analista somente consegue entrar em contato com as manifestações das relações de objetos que evidenciam a natureza narcisística das mesmas. Em outras palavras, o psicanalista entra em contato muito mais freqüentemente com as defesas contra a inveja do que com esta diretamente. A partir deste ponto de vista, as interpretações passam a ficar primordialmente mais centradas nas dificuldades do paciente em perceber o analista como alguém separado, e diferente dele, e o horror a ter que depender de um objeto que não está sob o seu controle onipotente e que, por isso mesmo, pode vir a humilhá-lo e a fazê-lo sofrer.

Essa importante mutação conceitual de Rosenfeld pode ser claramente confirmada quando, ao tratar do relevante problema do Impasse e da reação terapêutica negativa, ele afirma que “... Nessa época (1958), eu e outros analistas kleinianos acreditávamos que, por meio de uma análise

detalhada da inveja na situação de transferência seria possível impedir que ocorresse um impasse na análise. Contudo, com o passar do tempo, minha experiência mostrou que isso só se dava em certos casos (...) Uma ênfase excessiva na interpretação da inveja ou a supervalorização da contribuição do analista, comparada com a do paciente, é uma causa freqüente do Impasse”.

Da mesma forma, Spillius (1991) assevera que, na atualidade, a maior parte dos analistas kleinianos tem-se mostrado menos inclinada a encontrar a confirmação da inveja primitiva em todo seu material clínico.

VÍNCULOS: O “VÍNCULO DO RECONHECIMENTO”

A psicanálise contemporânea inclina-se, cada vez mais, para o paradigma da vincularidade, isto é, para o fato de que o processo psicanalítico consiste sempre em uma interação entre analisando e analista, a partir dos vínculos que se estabelecem entre ambos e que constituem o campo psicanalítico.

Por outro lado, o universal sentimento de uma necessidade de reconhecimento, por parte da criatura humana, aparece na literatura psicanalítica desde os seus primórdios até a atualidade, em diversos autores de distintas correntes psicanalíticas, com denominações, abordagens e contextos diferentes. Em uma detida revisão da literatura ao meu alcance, em meio às múltiplas referências à impositiva deste genérico “sentimento de reconhecimento”, não consegui encontrar mais do que alusões passageiras e eventuais, embora relevantes e férteis, e senti falta de um texto que objetivasse dar-lhe uma integração, consistência e destaque.

Assim, entre tantos outros tipos de vínculos já suficientemente estudados na teoria e na prática da psicanálise, especialmente os de amor, ódio e conhecimento, tal como foram descritos por Bion, este trabalho pretende propor e submeter à consideração dos leitores a existência e valorização do Vínculo do Reconhecimento, nas seguintes quatro acepções possíveis:

- 1) Reconhecimento (o prefixo “re” tem o significado de “voltar a acontecer”).
- 2) A aquisição de um reconhecimento do outro.
- 3) Ser reconhecido ao outro.
- 4) Ser reconhecido pelo outro.

VÍNCULO ANALÍTICO

O termo vínculo tem sua origem no étimo latino “vinculum”, o qual significa uma união, com as características de uma ligadura, uma atadura de características duradouras. Da mesma forma,

vínculo provém da mesma raiz que a palavra “vinco” (com o mesmo significado que aparece, por exemplo, em “vinco” das calças, ou de rugas, etc.) ou seja, ela alude a alguma forma de ligação entre as partes que estão unidas e inseparadas, embora elas permaneçam claramente delimitadas entre si. Trata-se, portanto, de um estado mental que pode ser expressado por meio de distintos modelos e com variados vértices de abordagem.

Assim, vale a pena fazer algumas breves menções entre os principais autores que, de forma direta ou indireta, trabalharam com a noção de vínculo.

Freud, em diversos trabalhos, deixou claramente implícita a importância que atribuía aos vínculos (embora utilizasse termos correlatos) que se estabelecem entre o indivíduo e seus semelhantes (Projeto..., 1895), entre a criança e a mãe (Leonardo..., 1910) ou entre os indivíduos e as massas (Psicologia das massas..., 1921), etc., etc.

M. Klein também aludiu diretamente à noção de vínculo, como pode-se observar no seu relato acerca da análise do menino Dick, no seguinte trecho: “A análise desta criança tinha que começar pelo estabelecimento de um contato com ele”(1930, pg. 214).

VÍNCULO DO RECONHECIMENTO

Há uma conotação entre as funções psíquicas de conhecer e de reconhecer, mas elas têm significados específicos. Para os propósitos deste trabalho, o termo “reconhecer” abriga quatro conceituações:

- 1) A de reconhecimento (de si próprio).
- 2) Reconhecimento do outro (como alguém diferente dele).
- 3) Ser reconhecido ao outro (como expressão de gratidão).
- 4) Ser reconhecido pelos outros.

RECONHECIMENTO

Vimos que a concepção de vínculo considera as ligações entre as diferentes partes intrapsíquicas, as quais, interagindo entre si, tanto podem estar em harmonia, como também elas podem estar em estado de dissociação, contradição, oposição, ou até de uma franca beligerância. Partindo daí, é fácil depreender a importância de o indivíduo reconhecer (voltar a conhecer) aquilo que já preexiste dentro dele, como são, por exemplo, as pré-concepções, tão bem estudadas por Bion (como é o caso da inata pré-concepção que o recém-nascido tem de um seio amamentador da mãe, ou a pré-concepção edípica, etc.) e que, segundo ele, somente estão à espera de serem

fecundadas por realizações para que, por intermédio da função-alfa da mãe (ou do analista na situação analítica), sejam concebidas como conceitos conscientes. Aliás, muito antes de Bion, os filósofos já tinham uma intuição desse fato, como percebe-se em Platão (1981) que acreditava no poder que a narrativa tem de “tocar a alma”, porquanto, segundo ele, o mundo das idéias está dentro de nós e que, portanto, conhecer é reconhecer aquilo que já preexistia no sujeito e que este pensava que estava fora dele.

Voltando ao ponto de vista da ciência psicanalítica, esta mesma concepção está retratada nesta observação de Money-Kyrle (1968), um importante seguidor das idéias de Bion, além de haver formulado importantes considerações acerca dos processos de desenvolvimento cognitivo e das “mis conceptions”: “adquirir conhecimento consiste não tanto em ser consciente das experiências sensorio-emocionais, mas sim em reconhecer o que elas são”. Aqui, parece-me, o verbo “reconhecer” adquire o sentido de “ressignificar”.

RECONHECIMENTO DO OUTRO

No início da vida, o bebê não tem a consciência de si, não tem consciência da existência do outro, nem o que é dentro ou o que é fora; tampouco discrimina o que é “eu” e “não-eu”. O que existe é um estado caótico composto unicamente por sensações que são agradáveis ou desagradáveis, sendo que, nesse estado narcisista, o outro sujeito é representado como sendo não mais do que uma posse e extensão dele próprio e que deve estar permanentemente à sua disposição para prover suas necessidades.

Sabe-se que muitos sujeitos permanecem fixados nessa posição narcisista sem conseguir conceber que o outro seja diferente dele. Na situação psicanalítica, o estado transferencial nessas condições adquire a característica de transferência narcisística especular, conforme a concepção de Kohut (1971), nas três formas que este autor descreve: fusional, gemelar e especular propriamente dita.

É indispensável para o seu crescimento mental que o sujeito desenvolva com as demais pessoas um tipo de vínculo no qual reconheça que o outro não é um mero espelho seu, que é autônomo e tem idéias, valores e condutas diferentes das dele, que há diferença de sexo, geração e capacidades entre eles, sendo que essa condição de aceitação das diferenças somente será atingida se ele ingressar exitosamente na posição depressiva, conforme a concepção de M. Klein. Um outro referencial teórico perfeitamente válido para a compreensão desta modalidade de vínculo é a que está consubstanciada nas idéias de M. Mahler e colaboradores (1975) sobre os processos de diferenciação, separação e individuação.

SER RECONHECIDO AOS OUTROS

Este aspecto da vincularidade afetiva do sujeito diz respeito ao desenvolvimento de sua capacidade de consideração e de gratidão em relação ao outro. Também a aquisição dessa condição mental está diretamente ligada à passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, assim substituindo as excessivas dissociações e identificações projetivas por processos introjetivos estruturantes, com objetos totais no lugar de parciais, ao mesmo tempo em que o sujeito vai assumir o seu quinhão de responsabilidades e eventuais culpas, de modo a transformar a onipotência, a onisciência e a prepotência, respectivamente, em uma capacidade para pensar e simbolizar as experiências emocionais, um aprendizado com as experiências da vida e a assunção de sua dependência e fragilidade.

SER RECONHECIDO (PELOS OUTROS)

“Para existir, a estrela depende do olhar dos outros.”

Justifico a importância que estou atribuindo a esse tipo de vínculo com um argumento muito simples: todo ser humano está inevitavelmente vinculado a objetos, quer no plano intra, inter ou transpessoal, e ele necessita vitalmente do reconhecimento dessas pessoas para a manutenção de sua auto-estima, sendo que não é possível conceber qualquer relação humana em que não esteja presente a necessidade de algum tipo de um mútuo reconhecimento, salvo nos casos de profunda patologia. Pelo contrário, as configurações psicopatológicas habituais servem para confirmar que os transtornos da auto-estima, do senso de identidade e o da relação com a realidade exterior formam-se como uma decorrência direta da falência desse tipo de necessidade do sujeito em ser reconhecido, ou então, como uma compensação contra isso. Nos últimos casos, em que esse tipo de vínculo está profundamente afetado, ou negado, proponho a sinalização de “- R” como uma tentativa de conectar com “- K”, de Bion.

É relevante destacar que até mesmo qualquer pensamento, conhecimento ou sentimento requerem ser reconhecidos pelos outros (como resulta claro na interação mãe-bebê) para adquirir uma existência, ou seja, passar do plano intrapessoal para o interpessoal, e vice-versa.

Portanto, a importância mais significativa do termo reconhecimento alude a uma necessidade crucial de todo ser humano, em qualquer idade, circunstância, cultura, época ou geografia, em sentir-se reconhecido e valorizado pelos demais e que ele realmente existe como individualidade. Por essa razão, vale a pena traçar uma breve recapitulação dos primeiros movimentos que vinculam o recém-nascido com a mãe, e vice-versa.

Assim, pesquisas modernas estão indicando, cada vez mais decisivamente, que algum tipo de vínculo já está claramente estabelecido durante a intra-uterina vida fetal, sendo que alguns autores, como Bion, especulam que a vida psíquica relacional já esteja presente desde o estado embrionário.

De acordo com a proposta do presente trabalho, esta quarta modalidade do vínculo do reconhecimento merecerá uma abordagem mais detida e enfatizada, a partir de um embasamento nas concepções de distintos e importantes autores psicanalíticos.

Começo por Freud que, em algumas passagens ao longo de sua imensa obra, direta ou indiretamente aludia à importância de reconhecer e ser reconhecido por intermédio dos outros, tal como é possível constatar já no “Projeto...”, ao referir-se ao estabelecimento do juízo, Freud assim nos fala do que ele denominou Complexo do Semelhante: “(...) Daí, que seja em seus semelhantes, donde o ser humano aprende pela primeira vez a reconhecer-se”(o hífen é de Freud). Portanto, no complexo de semelhante, o outro sujeito aparece como aquele que permite ao ego incipiente estabelecer um confronto e, por seus próprios movimentos, ele busca seus pontos de vinculação, suas semelhanças e diferenças. Aliás, igualmente coube a Freud destacar o fato de que a identificação primária constitui-se como a forma mais primitiva do enlace afetivo com outra pessoa, e como sendo o primeiro vínculo estruturante e estruturado do indivíduo com os seus semelhantes. De forma análoga, Bion postula que o homem é um animal político porque não pode realizar-se plenamente fora de um grupo, nem, tampouco, satisfazer qualquer impulso emocional sem que o componente social deste impulso se expresse. Todos os impulsos são também narcisísticos e o problema é a resolução do conflito entre o narcisismo e o socialismo. Pode-se depreender, portanto, que para Bion, o grupo, com a suas funções de espelhamento e de reconhecimento dos outros, é essencial para o desenvolvimento psíquico do ser humano.

Por outro lado, é indispensável mencionar M. Mahler e colaboradores (1975), que estudaram com profundidade as fases de indiferenciação (autismo e simbiose) do bebê em relação à sua mãe e ao meio ambiente, e eles também investigaram e descreveram as progressivas subfases da Diferenciação, que conduzem a criança à conquista de uma separação, individuação e constância objetal.

Pode ocorrer uma falha materna no reconhecimento do intento separatório da criança, como acontece com mães que apressam a separação (próprio daquelas que são excessivamente narcisistas e que se exibem na vitrine da “precocidade do seu filho”), ou com aquelas que retardam a separação-individuação (como acontece com as mães que são exageradamente simbiotizantes, obsessivas).

Nos casos em que houver uma predominância simbiótica do vínculo mãe-filho, a identidade da criança não se forma porque a representação que a sua mãe tem dela não parte de um reconhecimento de que o filho seja um ente separado dela, pelo contrário, é como se ele fosse uma parte ou uma extensão narcísica dela, mãe.

Da mesma forma, se utilizarmos o referencial de Winnicott, pode-se perceber o vínculo do reconhecimento em alguns dos atributos essenciais da mãe (ou, de forma análoga, do psicanalista), que ele destacou como sendo os mínimos necessários para que a criança sinta-se reconhecida como, de fato, existindo e sendo alguém. Dentre esses inúmeros atributos, vale destacar particularmente, aqui, “o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil” (título de um importante artigo de D. Winnicott, que consta do livro *O brincar e a realidade*, de 1971).

Em relação a este último aspecto, vale lembrar a conhecida frase de Winnicott, tão poética quanto verdadeira: o primeiro espelho da criatura humana é a face da mãe, o seu sorriso, o seu tom de voz... Igualmente, cabe mencionar esta outra frase dele que guarda um sentido análogo à anterior: olho e sou visto, logo, existo! E posso, agora, permitir-me olhar e ver.

Aliás, esse “olhar reconhecedor” da mãe também está presente, de forma indireta, em quase toda a obra de Bion e encontra um respaldo em outros importantes autores contemporâneos, que comparam o vínculo que se estabelece entre o tipo de recíprocos olhares da mãe para o bebê, e vice-versa, com o vínculo que sucede na relação boca-seio, sendo que ambas as situações encerram as mesmas fantasias, ansiedades e mecanismos (des)estruturantes.

Voltando a Winnicott, é ele quem nos lembra que muitos bebês têm uma longa experiência de não receber de volta o que estão dando, e que não há experiência mais penosa e terrível do que a de ver e não ser visto, de não ser refletido no espelho embaçado, distorcionador ou opaco, da mãe. É fácil deduzir a extraordinária importância que tais aspectos representam na prática analítica vincular interacional. Desta forma, parafraseando M. Klein acerca do seio bom e do seio mau, creio ser justificado propor a concepção do olhar bom e do olhar mau da mãe. A criança olha para ver como está sendo vista pela mãe, e isso nos remete a uma outra conhecida frase de Winnicott: ocultar-se é um prazer, porém não ser encontrado é uma catástrofe, sendo que este aspecto denota a necessidade da criatura humana em ser reconhecido e o terror de que isso não aconteça.

Também as concepções de Kohut (1971) enfatizam o quanto é necessário para a estruturação do psiquismo da criança que os pais aceitem e transitoriamente incentivem a instalação de um self grandioso na mente do filho, através de sucessivas manifestações de um reconhecimento elogioso pelas aquisições de capacidades e de criatividade por parte da criança.

As contribuições de Lacan (1977), por sua vez, deixaram mais claro o entendimento de que, em condições normais, a criancinha tem uma necessidade absoluta e imprescindível da presença de uma outra pessoa (mãe) para conseguir a unidade e a síntese da sua imagem corporal, da sua identidade. Isto está de acordo com os conhecidos estudos originais que Lacan descreveu como sendo “o estágio do espelho”, pelo qual a imagem do próprio corpo do lactente não é mais do que uma imagem antecipatória de uma integração de corpo unificado que ainda não se formou. Portanto, o sujeito identifica-se com algo que ele ainda não é, e crê realmente ser aquilo que o espelho (o olhar, o discurso, o desejo e o corpo da mãe) refletir-lhe como sendo. Ou seja, nesse estágio, o sujeito reconhece o seu self no outro e por meio do outro, como se ele pensasse assim: “por meio deste Outro, eu sei o que, e quem sou, e como e quem eu devo vir a ser”. Em resumo, pode-se dizer com esta fundamentação teórica que os primeiros vínculos da criança com o mundo formam-se a partir dos laços afetivos ligados ao lugar que a criança veio a ocupar na estrutura familiar, bem como se no desempenho dos seus papéis ela será reconhecida, ou não, pelos outros que habitam fora ou dentro dela.

O VÍNCULO DO RECONHECIMENTO NA SITUAÇÃO PSICANALÍTICA

Guardando as devidas diferenças óbvias, pode-se afirmar que todas as considerações feitas em relação ao vínculo do reconhecimento do bebê em interação com a mãe, e da criança em relação com o seu meio ambiente, também são perfeitamente válidas para a inter-relação vincular analista-analisando.

Concordo com A. Green (1988) que chamou a atenção para o fato de que na expressão “relação objetal”, a palavra “relação” é a mais importante, ou seja, no estudo das inter-relações pessoais, os vínculos são mais importantes do que as pessoas separadamente, de tal modo que, na atualidade, considera-se que as propriedades não estão tanto nas pessoas (paciente e analista, por exemplo), mas sim, entre as pessoas e no intercâmbio entre elas. Isto confirma a tendência atual de considerar que, na relação analítica, o analista é, ao mesmo tempo, participante e criador do conhecimento, do clima emocional e do que se passa entre ele e o paciente. Nesse espaço formado entre os dois, uma grande dimensão é ocupada pela ânsia por parte de ambos, ainda que de forma assimétrica, de serem reciprocamente reconhecidos em suas necessidades, desejos ou demandas. Assim, cabe ao psicanalista a delicada tarefa de reconhecer e suplementar as eventuais falhas que, desde criancinha, o paciente teve em uma ânsia por sentir-se acolhido, contido, compreendido e, especialmente, em ser reconhecido nas suas manifestações de ilusão onipotente, de amor e de agressividade, que são inerentes aos processos de diferenciação, separação e individuação.

No contexto acima, não é demais reiterar que, devido à condição de desamparo neotênico próprio do ser humano, desde recém-nata a criança necessita simbiotizar-se com um outro significativo para poder utilizar os recursos egóicos deste último como se fossem os seus próprios e, por conseguinte, é-lhe vital que esse outro intua e reconheça aquilo que lhe falta. Portanto, especialmente com pacientes muito regressivos, o terapeuta – tal como os pais, no passado – deve emprestar o seu ego, durante algum tempo, sob a forma de uma moratória, não só como um necessário continente, como antes foi ressaltado, mas também revelando e modelando funções (como a da capacidade para pensar, o conhecimento e o enfrentamento das verdades, discriminação, etc., etc.), que o paciente, por si próprio, não consegue executar. No entanto, a condição necessária mínima para que o analista possa preencher esses vazios de existência e de atrofia de funções egóicas do paciente é a de que, antes de mais nada, ele possa reconhecê-las empaticamente, isto é, que o paciente sinta que, de fato, está sendo visto e reconhecido.

O VÍNCULO COM GRUPOS

A indiferenciação, ou seja, o não reconhecimento das diferenças, pode manifestar-se em situações muito diversas, como é o caso de uma paixão extremada, o caso dos vínculos simbióticos fusionais, assim como também nas situações grupais, nas quais o grupo prevalece sobre o indivíduo, tal como acontece em seitas fanáticas que acreditam que o líder carismático irá brindá-los com o “sentimento oceânico”. Aliás, é especialmente importante o aspecto do vínculo do reconhecimento em relação à inserção social do indivíduo nos mais diversos lugares, como, por exemplo, a família, a escola, o clube, as instituições, etc. Aquilo que, de fato, todo sujeito espera de seus grupos sociais é o reconhecimento, por parte dos demais, de quem esperam demonstrações que confirmem a sua legítima “pertencência” e a aceitação de seu pleno direito a compartilhar o mesmo espaço e valores comuns a todos.

A afirmativa acima pode ser facilmente percebida na formação espontânea dos grupos adolescentes. Assim, muitas vezes, o adolescente, com um pé na sua condição de ainda ser criança e com o outro na de quase um adulto, para ser reconhecido com a nova identidade de uma pessoa adulta emancipada dos pais, apela para uma união com outros iguais, compondo a formação de grupos (às vezes, gangues) como uma forma de fazer-se ouvir melhor e com mais força de determinação.

A ânsia pelo reconhecimento de sua identidade adulta é tamanha que o adolescente faz de tudo para mostrar-se diferente das pessoas do seu meio habitual, o familiar e o social. Assim, é bastante comum que o adolescente transgrida os hábitos e valores dos seus pais, pelo uso de roupas bizarras, penteados esquisitos, costumes algo anti-sociais, exercício do uso de drogas, discurso

contestador e desafiador, etc. Tudo isto constitui um movimento de hipérbole (um termo de Bion), ou seja, uma forma exagerada de manifestar-se, a qual funciona como um recurso barulhento para ser visto (é diferente de “olhado”), escutado (é diferente de simplesmente ser “ouvido”) e reconhecido como alguém com identidade própria que, para tanto, essa precisa ser diferente da dos pais.

Vale a pena insistir na importância destes fatos, porquanto o adolescente com esta conduta rebelde (ou um paciente cronologicamente adulto com fixação de sua adolescência mal resolvida), embora esteja na fronteira da agressão contra ele próprio, a família e as leis, pode ser confundido pelos educadores como sendo um psicopata, um “caso perdido”, quando, na verdade, pode estar representando um sadio movimento em direção a uma libertação e definição do seu senso de identidade.

FALSO SELF

Uma outra possibilidade de o indivíduo conseguir o reconhecimento do seu meio familiar e social é por meio do recurso inconsciente de, desde criança, adaptar-se às expectativas que os demais valorizam e impõem como condição para a aceitação, admiração e amor. Este processo institui a formação de um “falso self” – para usar um termo de Winnicott, que estudou o assunto de forma profunda – o qual pode apresentar com distintas configurações, sendo que o grau máximo de falsificação da personalidade está presente nos indivíduos impostores. É útil lembrar que nem sempre o falso self é construído como uma forma de aparentar aspectos considerados positivos. Muitas vezes, no afã de ser reconhecido pelo grupo social – extensão do seu grupo familiar internalizado como opositor ao seu sucesso – o indivíduo pode funcionar com um “falso self negativo”, aparentando mazelas e desvalias encobridoras de reais valores positivos.

Também é comum acontecer que, desde criancinha, o indivíduo tenha passado por sucessivas experiências de não ser reconhecido em suas características de pessoa muito sensível, devido ao espelho deformador da mãe. Trata-se, na maioria das vezes, de mães depressivas e que, encobertas por uma pseudo proteção, tenham devolvido ao filho um discurso na base de “não vale a pena sentir entusiasmo ou amor, não vale a pena sofrer, chorar é uma vergonha”... Cria-se um excelente caldo de cultura para a formação de um falso self que, em casos mais extremos, atinge um total bloqueio dos prazeres e lazes inerentes às pulsões da vida.

RESISTÊNCIAS

Desde os primórdios da psicanálise, o fenômeno resistência tem sido exaustivamente estudado em sua teoria e técnica, mas nem por isso, na atualidade, perdeu em significação e relevância.

Pelo contrário, ele continua sendo considerado a pedra angular da prática analítica e, cada vez mais, os autores prosseguem estudando-o sob renovados vértices de abordagem e conceitualização.

Na qualidade de conceito clínico, a concepção de resistência surgiu quando Freud discutiu as suas primeiras tentativas de fazer vir à tona as lembranças “esquecidas” de suas pacientes histéricas. Isto data de antes do desenvolvimento da técnica da associação livre, quando ele ainda empregava a hipnose, e a sua recomendação técnica era no sentido de insistência (por parte do psicanalista) como o contrário da resistência (por parte do paciente). Este método de coerção associativa empregado por Freud incluía uma pressão de ordem física que ele próprio procedia e recomendava como “colocando a mão na testa do paciente, ou lhe tomando a cabeça entre minhas duas mãos...” (1893-v. 5, pp. 137; 327) a fim de conseguir a recordação e verbalização dos conflitos passados.

Freud empregou o termo resistência, pela primeira vez, ao se referir a Elisabeth Von R. (1893), com a palavra original *widerstand*, sendo que em alemão “*wider*” significa “contra”, como uma oposição ativa. Até então a resistência era considerada exclusivamente como um obstáculo à análise, correspondendo sua força à quantidade de energia com que as idéias tinham sido reprimidas e expulsas de suas associações.

O termo “resistência”, por longo tempo, foi empregado com uma conotação de juízo pejorativo. A própria terminologia utilizada para caracterizá-la, em épocas passadas (de certa forma, ainda persistindo no presente), era impregnada de expressões típicas de ações militares, como se o trabalho analítico fosse uma beligerância do paciente contra o analista e vice-versa. Um exemplo disso é uma antiga referência de Freud, comumente muito citada: “o inimigo não pode ser vencido *in absentia* ou *effigie*” (1912, p. 199).

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), os conceitos de resistência e de censura estão intimamente relacionados: a “censura” é para os sonhos aquilo que a “resistência” é para a associação livre. Neste trabalho, em suas considerações sobre o esquecimento dos sonhos, Freud deixou postulado que uma das regras da psicanálise é que tudo o que interrompe o progresso do trabalho psicanalítico é uma resistência

Aos poucos, com a tática de ir da periferia em direção à profundidade, Freud foi entendendo que o reprimido, mais do que um corpo estranho, era algo como um “infiltrado”. Assim, ele começa a deixar claro que a resistência não era dirigida somente à recordação das lembranças penosas, mas também contra a percepção de impulsos inaceitáveis, de natureza sexual, que surgem

distorcidos. Com isso, Freud conclui que o fenômeno resistencial não era algo que surgia de tempos em tempos na análise, mas sim que ele está permanentemente presente.

Freud aprofundou bastante o estudo sobre as Resistências em Inibição, sintoma e angústia (1926), quando, utilizando a hipótese estrutural, descreveu cinco tipos e três fontes das mesmas. Os tipos derivados da fonte do ego eram:

- 1) Resistência de repressão (consiste na repressão que o ego faz, de toda percepção que cause algum sofrimento).
- 2) De transferência (o paciente manifesta uma resistência contra a emergência de uma transferência “negativa”, ou “sexual”, com o seu analista).
- 3) De ganho secundário (pelo fato de que a própria doença concede um benefício a certos pacientes, como os histéricos, personalidades imaturas, e aqueles que estão pleiteando alguma forma de aposentadoria por motivo de doença, essas resistências são muito difíceis de abordar, eis que egossintônicas).
- 4) As resistências provindas do id (Freud as considerava como ligadas à “compulsão à repetição” e que, juntamente com uma “adesividade da libido”, promovem uma resistência contra mudanças).
- 5) Por fim, a resistência oriunda do superego, a mais difícil de ser trabalhada, segundo Freud, por causa dos sentimentos de culpa que exigem punição.

No clássico análise terminável e interminável (1937), Freud introduz alguns novos postulados teórico-técnicos, e creio que se pode dizer que aí ele formula um sexto tipo de resistência: a que é provinda do ego contra o próprio ego: “...em certos casos, o ego considera a própria cura como um novo perigo”. A meu juízo, Freud está aqui intuindo e prenunciando aquilo que Rosenfeld (1965) veio a chamar de “gangue narcisista” e Steiner (1981) de “organização patológica”.

Neste mesmo trabalho de 1937, Freud aporta outras importantes contribuições sobre resistências, como são as seguintes: o conceito de reação terapêutica negativa (RTN) como sendo aderido ao instinto de morte; a valorização do papel da contratransferência, sendo que ele aponta que a resistência do analisando pode ser causada pelos erros do analista, a observação de que a resistência no homem se devem ao medo dos desejos passivo femininos em relação a outros homens, enquanto a resistência das mulheres deve-se em grande parte à “inveja do pênis”; e Freud também alude ao surgimento de uma “resistência contra a revelação das resistências”.

Muitos outros autores, contemporâneos de/ou posteriores a ele, trouxeram importantes contribui-

ções ao estudo das resistências, como são, entre tantos outros: Ferenczi (1918) apontou para o fato de que a própria regra fundamental da livre associação de idéias podia ser usada para fins resistenciais; Abraham (1919) descreveu com maestria aspectos ainda vigentes das resistências crônicas de natureza narcisística; W. Reich (1933) insistia no fato de que o trabalho primordial do psicanalista, de início, deveria ser a remoção da “couraça caracterológica” formadora do tipo de resistência que ele denominou “resistência de caráter”; J. Rivière (1936) fez um importante estudo sobre as defesas maníacas na gênese da RTN, como uma forma resistencial de negação das ansiedades depressivas; Anna Freud (1936), seguindo os esboços do pai, foi a primeira a fazer uma clara sistematização das defesas que o ego utiliza como resistências, demonstrando que essas não são apenas obstáculos ao tratamento, mas são também importantes fontes de informação sobre as funções do ego em geral.; M. Klein, desde 1920, com os seus conhecidos estudos sobre o psiquismo primitivo e a análise com crianças, propiciou uma compreensão bastante mais clara acerca dos arcaicos recursos defensivos que o ego utiliza como movimentos resistenciais; Rosenfeld (1965) aprofundou o estudo das resistências em pacientes de personalidade narcisística, não-psicóticos, nos quais um “self idealizado”, patológico e de gênese precoce obriga o indivíduo a um boicote e a uma permanente resistência contra o aparecimento de genuínas necessidades da parte infantil dependente; Bion, embora não tenha produzido nenhum artigo explicitamente sobre resistências, deixou um importante legado sobre este tema, notadamente pelo seu enfoque da vincularidade analítica, como será descrito mais adiante.

Entrementes, as sementes de Freud continuam frutificando. Um exemplo disto pode ser dado a partir de seus estudos sobre o ideal do ego. Assim, em *Introdução ao Narcisismo* (1914, p. 105) aparece o seguinte trecho “... deverá realizar (a criança) os desejos, não cumpridos, de seus pais”. Baseados em afirmativas desta essência, um significativo contingente de analistas, inspirados em Lacan, que advoga um “retorno a Freud”, tem extraído uma significação especial para a compreensão de algumas formas de resistência nas terapias psicanalíticas. Sua formulação básica fica baseada no fato de que o desejo da criança (paciente) é o de ser desejado pelo Outro (pais no passado; terapeuta, no presente).

Em outras palavras, a criança, para garantir o amor dos pais, pode ter aprendido, desde sempre, a adivinhar e a cumprir as expectativas ideais dos mesmos; logo, o seu desejo confunde-se como sendo o “desejo do outro”. A não ser assim, a criança de ontem – nosso analisando de hoje – correria o grave risco de perder o amor do superego e do objeto externo, sendo que, sempre que isso acontece, sobrevém uma reação do tipo de protesto, desesperança e retraimento, nos mesmos moldes que as crianças, estudadas por Spitz (1945), que tiveram abandonos prematuros.

É evidente que a reprodução disso tudo no campo analítico configura-se sob a forma de poderosas resistências inconscientes, como, por exemplo, a de um estado mental de desistência.

Em resumo, o que de mais importante pode ser dito é o que a evolução do conceito de resistência, na prática analítica, sofreu uma profunda transformação, desde os tempos pioneiros em que ela era considerada unicamente como um obstáculo de surgimento inconveniente, até os dias de hoje, quando, embora se reconheça a existência de resistências que obstruem totalmente o curso exitoso de uma análise, na grande maioria das vezes o aparecimento das resistências no processo analítico é muito bem vindo, porquanto elas representam, com fidelidade, a forma de como o indivíduo defende-se e resiste no cotidiano de sua vida.

Assim, de modo genérico, a resistência no analisando é conceituada como a resultante de forças, dentro dele, que se opõem ao analista, ou aos processos e procedimentos à análise, isto é, que obstaculizam as funções de recordar, associar, elaborar, bem como o desejo de mudar. Nessa perspectiva, continua vigente o postulado de Anna Freud (1936) de que a análise das resistências não se distingue da análise das defesas do ego, ou seja, da “permanente blindagem do caráter”

ETIMOLOGIA

Entendo como muito ilustrativo e importante o fato de que esse significado de sobrevivência sintoniza com o que está contido na morfologia do vocábulo “resistência” (“re” + “sistência”). O prefixo “re” costuma emprestar quatro significados às palavras que ele compõe, e coincide que cada um deles, separadamente, conecta com um aspecto parcial do conceito de fenômeno resistencial.

Assim, “re” tanto indica:

- 1) A noção básica de “voltar atrás” – no caso, aos primitivos pontos de fixação – (como em: regredir, revogar...).
- 2) A noção de “oposição” (como em: revoltar, re- provar...).
- 3) O significado de “repetição” (como em: reiterar, ressentir...).
- 4) O sentido de uma “busca de algo novo”(como em: reforma, re(e)volução...).

Por sua vez, o étimo “sistência” deriva de “sistere, sistens” que, em latim, entre outros, tem o significado de “continuar a existir”. A partir desta perspectiva etimológica, o conceito de resistência, especialmente com pacientes bastante regressivos, pode ser entendido como sendo

- (1) uma volta à utilização de

- (2) recursos defensivos e ofensivos (contra o que, ou quem, lhes representa alguma ameaça),
- (3) de um modo repetitivo e tenaz, em uma busca ativa, do direito de
- (4) continuar a ex-istir (vem do prefixo “ex” que designa “para o mundo de fora”).

O contrário de re-sistir, ou seja, de-sistir (o prefixo “de” significa privação) é que seria funesto.

A propósito, penso que a forma resistencial mais grave é justamente a de um estado mental do analisando de Desistência, em cujo caso ele procede unicamente de maneira formal e mecânica, sendo que o “seu único desejo pode ficar reduzido ao extremo de não ter desejos”, assim esterilizando a eficácia analítica.

Isto se deve ao fato de que nos pacientes seriamente regredidos, antes do que desejos, existe um estado de profundas necessidades, que se não forem intuídas e satisfeitas pelo analista reforçarão um estado anterior de sua vida, pelo qual, muito mais do que ódio, eles geram um sentimento de decepção pelo novo fracasso do meio ambiente. Isso interrompe o crescimento do self e prejudica a capacidade de desejar, o que conduz a uma sensação de futilidade e a uma desistência de desejar e de ser.

Assim, a desistência vem acompanhada de um estado afetivo de indiferença, provavelmente nos mesmos moldes da indiferença que o sujeito acredita que tenha sofrido por parte de todas as pessoas mais significativas de sua vida. A indiferença dessas pessoas consiste em aparentemente não desejar ver e nem ser visto, notado e reconhecido, sendo que nos casos mais graves forma-se um investimento aditivo ao “nada”, e o exagero de uma “onipotência do masoquismo” torna-os suicidas em potencial.

Em resumo, na situação psicanalítica enquanto houver resistências que pugnam pela existência, ainda persiste a chama da esperança, sendo que a pior forma de resistência é a de um estado mental de desistência, a qual cronifica a desesperança (ou seja, o paciente nada mais espera da análise e da vida).

Um conhecido conto, à moda de fábula, talvez possa melhor ilustrar as diferenças entre resistência, desistência e existência. Trata-se da história dos dois ratinhos que caíram no fundo de uma garrafa que estava cheia de leite e sentiram a ameaça de uma iminente morte por afogamento. Um deles decidiu que seria inútil lutar contra a fatalidade e, passivamente deixou-se morrer afogado (equivale ao estado de desistência). O outro ratinho decidiu lutar e, às custas de um intenso, ativo e decidido agitar do corpo (equivale à resistência), ele manteve-se à tona durante um tempo prolongado, até que de tanto leite ser batido transformou-se em queijo, o qual então foi

devorado pelo ratinho, assim abrindo um acesso ao gargalo da garrafa e daí para a liberdade do mundo externo, assim garantindo o seu direito de continuar a viver (correspondente ao existir).

Dentro da concepção da contemporânea psicanálise vincular, não é possível dissociar a resistência da contra-resistência; unicamente com um propósito didático é que eles serão abordados separadamente, em capítulos específicos. As resistências do paciente na situação analítica manifestam-se de múltiplas formas e em diversas dimensões.

CONTRA-RESISTÊNCIA

A contra-resistência chegou a ocupar um significativo espaço na literatura psicanalítica, como pode ser constatado nas vezes em que Racker (1960) emprega este termo e nas conceituações que ele faz acerca deste fenômeno, em seu consagrado livro sobre técnica psicanalítica. Gradativamente, os autores foram parando de abordar e de nomear diretamente a presença das manifestações da contra-resistência, talvez pela possibilidade de que as considerassem enquadradas no fenômeno contra-transferencial. Não há dúvida quanto ao fato de que os fenômenos de resistência e transferência – e por conseguinte os de contra resistência e contra transferência – estão intimamente conectados, como Freud estudou exaustivamente; não obstante, acompanhando a muitos autores, também entendo que existe uma nítida diferença conceitual e é útil estudar e nomeá-los separadamente.

A partir dos trabalhos do casal Baranger (1961- 6) sobre o campo analítico e os de Bion (1959) relativos à psicanálise vincular, embora sem que eles tenham usado especificamente esta denominação de “contra-resistência”, tem havido um renovado interesse dos psicanalistas relativo aos aspectos contra-resistenciais.

Inicialmente, impõe-se fazer a distinção de quando a resistência, inconsciente ou consciente, por parte do analista, é originária dele próprio, ou quando ela é decorrente de um estado de contra-identificação com o seu analisando. No primeiro caso, estamos falando de resistência do analista; no segundo, trata-se de contra-resistência.

RESISTÊNCIA DO ANALISTA

O melhor indicador de que as resistências procedem unicamente de dentro do analista é quando elas se repetem sistematicamente com todos os seus pacientes, independentemente de como eles sejam diante de uma conflitiva emocional equivalente. Por exemplo, se qualquer paciente de uma determinada categoria (idoso, adolescente, mulher bonita), independentemente da estrutura emocional de cada um deles individualmente, o analista experimentar as mesmas reações emocionais e, assim, vier a formar “pontos cegos” em sua mente, é certo que ele “resistirá” a

aprofundar a análise daquilo que ele não está suportando em si próprio.

Psicanalistas norte-americanos (Kantrowitz, 1989) estudaram e pesquisaram com profundo rigor científico o que eles denominam de “match”, que consiste no fato de que, indo muito além de uma simples repetição transferencial entre terapeuta e paciente, estabelece-se entre ambos um “encontro”, singular, decorrente das características próprias e reais de cada um deles, de sorte que pode resultar uma harmonia produtiva ou uma desarmonia estagnadora no trabalho do par analítico. O interessante desta pesquisa é que foi possível observar que em uma análise feita com psicanalistas igualmente competentes e forjados por uma mesma formação oficial, os analisandos poderiam dar-se mal com um deles e se entrosar muito bem, do ponto de vista psicanalítico, com o outro; sendo a recíproca verdadeira. Mais ainda: muitos analisandos da pesquisa se beneficiaram claramente em uma área de seu psiquismo – digamos, para exemplificar, a sexualidade –, enquanto em uma outra área, como podia ser a de uma primitiva organização narcisista, o processo analítico ficava detido. No entanto, uma eventual troca deste analisando por um outro analista poderia resultar em um resultado totalmente inverso, embora equivalente no balanço dos avanços e da estagnação.

A resistência de um psicanalista também pode estar manifesta fora da situação analítica propriamente dita, como é o caso em que ele se nega a tomar conhecimento de outros vértices teórico-técnicos da psicanálise, ou toma conhecimento, porém os desvitaliza, na maior parte das vezes recorrendo a um sistemático reducionismo para os valores e conhecimentos com os quais ele está bastante familiarizado, porém que saturam a sua mente.

A distinção que estamos propondo entre o que se trata de uma “resistência própria do analista” e quando é uma “contra-resistência, em razão da influência do analisando” pode ser exemplificada com a maneira como o terapeuta utiliza aquilo que Bion chama de uma mente saturada por “memória, desejo, e ânsia de compreensão”. Assim, pode acontecer que o analista durante a sessão fique confuso, com uma hipertrofia ou atrofia de seus desejos, com a sua memória atrapalhada e, por conseguinte, com um prejuízo de sua indispensável capacidade perceptiva, em razão dos “ataques aos vínculos perceptivos” (Bion, 1967) desferidos pelo inconsciente do paciente, de tal sorte que ele pode ficar enredado no jogo resistencial deste último. Essa condição caracteriza um estado de contra-resistência. A mesma pode estar a serviço de uma sutil resistência de certos pacientes, que consiste no fato de que, ao invés de atacar a sua própria percepção de verdades intoleráveis, ele consegue o mesmo resultado, fazendo com que se multipliquem as resistências de seu analista..

Em contrapartida, o analista pode estar utilizando a sua memória como uma forma de pos-

sessividade controladora sobre o seu analisando, a partir da saturação da sua memória com conhecimentos de fatos já passados e que podem não coincidir com o momento afetivo presente naquele momento na mente do paciente. Da mesma forma, o desejo do terapeuta pode ser exclusivamente seu, como seria o caso de ele querer que a hora da sessão analítica termine logo porque está cansado ou perdido; ou almejar se gratificar com notáveis sucessos imediatos do seu paciente, mais atendendo aos seus interesses narcisísticos do que qualquer outra coisa, e assim por diante em uma infinidade de possibilidades.

CONTINENTE-CONTEÚDO

As necessidades, desejos, demandas, angústias e defesas de todo e qualquer paciente, mais particularmente a de pacientes muito regredidos, constituem um “conteúdo”, que urge por encontrar um “continente”, onde elas possam ser acolhidas. Cabe ao analista o papel e a função de ser o continente do seu analisando. No entanto, reciprocamente, também o paciente funciona como continente do conteúdo do analista, como pode ser exemplificado com o acolhimento que ele vier a fazer das interpretações daquele.

Destarte, da mesma forma como acontece com o paciente, também o analista pode fazer um uso inconsciente de suas próprias identificações projetivas patológicas dentro da mente do paciente e, em contrapartida, o paciente pode fazer uso de um juízo crítico sadio dessas projeções de seu terapeuta, como um instrumento de percepção da realidade daquilo que, de fato, está se passando com a pessoa do analista. Como decorrência dessa percepção, consciente ou inconsciente, pode acontecer que por meio de observações explícitas, ou das que estão implícitas nos sonhos ou na livre associação de idéias, ele pode auxiliar o analista a dar-se conta de seus sentimentos contratransferenciais, desde que este último esteja em condições de escutar o seu paciente.

Por outro lado, a noção de “continente” também alude ao fato de que o analista deva possuir as condições de poder conter as suas próprias angústias e desejos. Cabe afirmar que além da transferência do paciente e os conseqüentes efeitos contratransferenciais, mais os seguintes fatores compõem o “conteúdo” da mente do analista, e que ele mesmo deverá conter e trabalhá-los:

- a) A latente (às vezes manifesta) “neurose infantil” do terapeuta.
- b) O seu “superego analítico” (composto pelas recomendações técnicas das instituições psicanalíticas que lhe filiam, e o modelo do seu próprio psicanalista), que o fiscaliza permanentemente quanto a um possível erro ou “transgressão”.

c) A eventualidade de sua mente estar saturada por memórias, desejos ou uma ânsia por compreensão imediata.

d) Um “ideal de ego” que pode mantê-lo em uma permanente expectativa narcisística, de que ele demonstre um êxito pessoal, sendo que, neste caso, ficará dependente e subordinado às melhoras do seu paciente.

e) A sua condição de manter uma auto-análise, dentro ou fora da sessão.

f) Creio que também cabe afirmar que faz parte da “auto continência” do analista que ele encontre um respaldo nos seus conhecimentos teórico-técnicos.

DEFESA E OUTROS CONCEITOS

1. DEFESA

Conjunto de operações desenvolvidas pelo ego cuja finalidade é reduzir, suprimir qualquer ameaça capaz de pôr em perigo a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico. O ego, na medida em que se constitui como instância que desenvolve a defesa pode ser descrito como o que está em jogo nessas operações sendo o principal agente delas.

De um modo geral, a defesa incide como um contra-investimento, contendo a excitação interna (pulsão) e, preferencialmente, sobre uma das representações (recordações, fantasias) a que está ligada, ou sobre uma situação externa capaz de desencadear uma excitação incompatível com o ideal de ego e, por isso, desagradável para o ego. Os afetos (situações desagradáveis) podem também ser objeto dela.

O processo defensivo especifica-se também em mecanismos de defesa mais ou menos integrados ao ego. A defesa é marcada e infiltrada por aquilo, sobre o que em última análise, ela acaba incidindo — a pulsão, a defesa toma muitas vezes um aspecto regressivo, obsessivo, fóbico, impulsivo, compulsivo e opera, pelo menos parcialmente, de forma inconsciente.

MECANISMOS DE DEFESA

Toda vez que um indivíduo ao ser estimulado desloca psicologicamente uma necessidade, que não pode ser atendida racionalmente com tranqüilidade, sem se confrontar com os mecanismos da sua censura moral, ou mesmo quando se posiciona num processo de defesa contra algo real ou imaginário que possa ameaçar-lhe a estabilidade psicológica, surge um conjunto de mecanismos automáticos e inconscientes. Estes visam o apaziguamento provisório do desequilíbrio interno gerado, modificando-lhe o grau de motivação interno, criando uma série de

mudanças compensatórias que buscam o restabelecimento do equilíbrio psicológico. São denominados de mecanismos de defesa do ego.

1. RECALQUE

Foi inicialmente considerado por Freud como um sinônimo de defesa. Podemos considerá-lo do ponto de vista tópico, de lugar, como uma rejeição consciente do ego ou do repelir inconsciente desenvolvido pelo superego de desejos, pensamentos, imagens, recordações e emoções oriundas do id e consideradas inaceitáveis pela censura moral (ideal de ego) e pelo mundo (alter ego). No sentido dinâmico da psique, o recalque é considerado com a operação pela qual o sujeito procura rejeitar ou o que chegou ao consciente ou repelir mantendo no inconsciente estas representações ligadas a uma pulsão (impulso) oriundo do id, que caso seja satisfeita no nível consciente ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências de caráter moral, social, legal etc.

O QUE É O RECALQUE?

Damos o nome de recalque ao mecanismo básico de defesa, ligado à repressão do ego, que produz contra-investimentos em relação ao id e desloca este conteúdo desagradável para o campo inconsciente. No sentido próprio, operação de contra-investimento pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente as representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão que foi reprimida. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão — suscetível de proporcionar prazer por si mesma — ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências, exigindo a sua eliminação imediata do campo consciente..

Trata-se de um *habeas corpus*, um recurso que o ego tem de postergar a elaboração de uma pulsão disponível que lhe é agradável, mas considerada como desagradável/constrangedora, pelo choque com o ideal de ego, defendendo-se. Neste caso, o ego não se encontra ainda preparado para enfrentar e elaborar estes desejos e tendências. Neste caso, o ego aplica uma força energética de igual intensidade e no sentido contrário ao da pulsão (contra-investimento), lançando aquele conteúdo indesejado para longe do campo consciente, em direção ao inconsciente (recalque daquilo que é inquietante e comprometedor).

O recalque é especialmente patente na conversão e na histeria, mas desempenha também um papel primordial em todas as afecções mentais. Pode ser considerado um processo psíquico universal, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo.

RECALQUE E SUA RELAÇÃO COM A DEFESA:

O termo “recalque” é muito usado como sinônimo de defesa, já que ele constitui a defesa original (propriamente dita). Mas, só em raríssimas ocasiões, é utilizado por Freud como se fossem equivalentes. É errôneo considerar, com base no testemunho posterior de Freud, que o único modo de defesa conhecido é o recalque. Com efeito, por um lado, Freud especifica, por essa época, que as diversas psiconeuroses são desenvolvidas por modos de defesa nitidamente diferentes, contudo, todas decorrentes do retorno do recalcado e pela ação protetora (deformação) do superego.

”A teoria do recalque é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise.” Foi como fato clínico que o recalque se impôs desde os primeiros tratamentos dos histéricos em que Freud verificou que as lembranças recalcadas não estão disponíveis no consciente dos pacientes, mas conservam, quando descobertas, toda a sua vivacidade e seu quadro de excitação (quantum de afeto). “Tratava-se de coisas que o doente queria esquecer e que intencionalmente reprimia, rejeitando, ou então, repelia, mantendo recalcado fora do seu pensamento consciente.”

Vemos que a noção de recalque, tomada aqui na sua origem, surge desde o início com a noção de inconsciente (o termo recalcado será, durante muito tempo, para Freud, sinônimo de inconsciente – até a definição da idéia de outras defesas do ego). Com efeito, os conteúdos recalcados escapam ao domínio do sujeito e, como grupo psíquico separado, é regido por leis próprias do processo primário, não sofrendo desgaste da ação restritiva consciente do ego. Uma representação recalcada no inconsciente constitui, por si mesma, um primeiro núcleo de cristalização que pode atrair outras representações insuportáveis, sem que intervenha forçosamente uma intenção consciente do ego.

O recalque é inicialmente descrito como uma operação dinâmica, implicando e exigindo a manutenção constante de um contra-investimento do ego para que não haja seu retorno. Esta operação de contra-investimento roubará energia emocional da auto-estima do indivíduo sempre que ele estiver na frente da ameaça pulsional. Nos anos de 1911-1915, Freud dedicou-se a apresentar uma teoria articulada do processo de recalque, distinguindo nele 3 momentos, contudo nós acrescentamos mais um momento, o de contra-investimento que impede seu retorno ao campo do ego.

OS 4 MOMENTOS LIGADOS À OPERAÇÃO DE RECALQUE:

1º momento: “recalque originário” – Operação parcialmente inconsciente – é repressão que produz a rejeição inicial dos representantes psíquicos que atingem o ego, investidos pela pulsão do id. É

o primeiro recalque a acontecer; não incidindo sobre a pulsão enquanto tal, mas em seus sinais, em seus representantes psíquicos (pensamentos, emoções, sentimentos, desejos), que têm acesso à consciência e aos quais a pulsão permanece fixada. Fica criado assim, um primeiro núcleo inconsciente funcionando como pólo de atração para os elementos futuros a recalcar. Desta forma, o ego, através de uma ação de contra-investimento, retira do campo consciente o que ele pode até desejar, mas teme (ideal de ego).

2º momento: é a ação de repelir, no inconsciente novos investimentos do id, que são temidos pelo ego, mantendo as representações originais, iniciais recalçadas. Os novos recalques são decorrentes de um processo duplo, através de uma nova rejeição por parte do superego e por uma atração da nova representação pelo núcleo recalcado anterior, o recalque inicial, estabelecendo-se as primeiras associações de representações recalçadas – operação totalmente inconsciente.

3º momento: impedir o retorno do recalcado pelos contra-investimentos constantes do ego – Resistência Avançada de 2º Nível. Operação não totalmente inconsciente.

4º momento: retorno do recalcado – Infiltração da pulsão por uma deficiência da ação de contra-investimento que produzirá uma defesa patológica pela deformação produzida pelo superego através das condensações das representações associadas, produzindo sintomas, sonhos, atos falhos, etc. Operação totalmente inconsciente.

Como já falamos, devemos enfatizar que não é nem sobre a pulsão, que na medida em que ela seja orgânica (ex: fome, sede, “tesão” etc.) escapa à alternativa consciente-inconsciente, nem sobre o afeto propriamente dito. Só os representantes (idéias, imagens, emoções, sentimentos etc.) ligados a pulsão do id são recalcados. Estes elementos representativos estão fixados ao recalcado primário, quer provenham dele, quer entrem com ele em conexão fortuita.

O recalque reserva, a cada um dos representantes psíquicos, um destino distinto “inteiramente individual”, segundo o seu grau de deformação, o seu afastamento do núcleo inconsciente ou o seu valor afetivo (desagradável). A operação do recalque pode ser encarada no triplo registro da metapsicologia:

Do ponto de vista tópico, embora na primeira teoria do aparelho psíquico Freud descreva o recalque como manutenção fora da consciência, nem por isso assimila a consciência à instância recalcante. É a censura que fornece o modelo desta. Na segunda tópica, o recalque é considerado uma operação defensiva do ego (parcialmente inconsciente).

Do ponto de vista econômico, o recalque supõe um mecanismo complexo de desinvestimentos,

reinvestimentos ou contra-investimentos, incidindo nos representantes psíquicos da pulsão.

Do ponto de vista dinâmico, o problema principal é o conflito entre desejo e defesa que é motivo da ação de recalque (ideal de ego e superego), já que a satisfação de uma pulsão geradora de prazer acabaria por suscitar um desprazer, desendadeando assim, a operação do recalque.

Podemos considerar o recalque, do ponto de vista tópico, de lugar, como uma rejeição consciente do ego ou do repelir inconsciente, desenvolvido pelo superego, de desejos, pensamentos, imagens, recordações e emoções oriundas do id e consideradas inaceitáveis pela censura moral (ideal de ego) e pelo mundo (alterego), evitando que eles permaneçam ou retornem ao campo consciente.

No sentido dinâmico (conflitivo) da psiquê, o recalque é considerado como a operação, pela qual o sujeito procura rejeitar o que chegou ao campo consciente por um contra-investimento, mantendo no inconsciente as representações ligadas a uma pulsão (impulso) oriunda do id, que caso sejam satisfeitas de maneira consciente, ameaçariam provocar desprazer, relativamente a outras exigências de caráter moral, social, legal etc.

Podemos dizer que nos estágios primitivos da consciência humana, o indivíduo predominantemente egocêntrico provavelmente não possuirá uma consciência moral empática desenvolvida. Neste caso observamos uma menor cobrança dos mecanismos da censura interna e dificilmente o utilizará o mecanismo do recalque, já que nesta etapa evolutiva a sua natureza mais instintiva e predominantemente egocêntrica aceitará com facilidade as pulsões provenientes do id sem culpa, fazendo-o buscar a satisfação das suas necessidades, sem se preocupar com o consentimento social ou mesmo do seu próprio foro íntimo.

Já nas fases de consciência moral mais lúcida, mais empática, na qual o indivíduo sabe o que deve fazer, segundo a sua base moral (idealizada), a ação da censura interna será muito maior e dependendo da atuação do superego poderão ser produzidos recalques, como mecanismos de apaziguamento, pela incapacidade momentânea do ego aceitar e de elaborar os impulsos primitivos que se infiltram no campo consciente.

Neste caso, o recalque consistirá numa defesa da parte moral, já que a estrutura egocêntrica do ego provavelmente ainda terá afinidade com a fonte do desejo inconsciente produzido pelo id, havendo grande possibilidade do indivíduo dar aceitação a estes impulsos com a conseqüente manifestação de atitudes contrárias a base de valores aceita como adequada para reger suas relações (ideal de ego).

Não podemos fugir das próprias tendências manifestas através dos nossos desejos, sentimentos etc. Evolutivamente não iremos a lugar nenhum recalcando, pois isto caracterizará um processo provisório de apaziguamento interno. Precisamos estar fortalecidos moralmente para elaborarmos e assim enfrentarmos nossas tendências primitivas. Se já temos a consciência deste mecanismo, devemos a cada impulso de agir, a cada emoção a cada desejo que não refutamos como bons, enfrentá-los buscando elaborá-los, ou seja, trabalhá-los conversando com eles racionalmente, dizendo das nossas novas propostas, das nossas novas intenções de crescimento. Afastá-los, rejeitando-os da nossa mente dizendo: “sai de retro satanás”, não vai resolver, pois só facilitará a instalação de um mecanismo de defesa, sendo o principal o recalque.

Converse mentalmente com as suas tendências usando o ego que avalia (razão), buscando perlaborá-las; sabemos que não será fácil emocionalmente:

“Por que estou sentindo isto? Isto não me convém mais!

Não vou aceitar fazer isto, não por medo, mas sim por que sei que não é construtivo para minha vida e não vai acrescentar aquela felicidade que eu busco!”

OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE O RECALQUE OU RECALCAMENTO

No sentido próprio, operação de contra-investimento pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão — suscetível de proporcionar prazer por si mesma — ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências.

O recalque é especialmente patente na conversão e na histeria, mas desempenha também um papel primordial em todas as afecções mentais. Pode ser considerado um processo psíquico universal, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo.

RETORNO DO RECALCADO

Processo pelo qual os elementos recalcados, nunca aniquilados pelo recalque (pelo contra-investimento) tendem a reaparecer e conseguem fazê-lo de maneira deformada sob a forma de compromisso.

FORMAÇÃO DE COMPROMISSO

Forma que o recaiado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente. As pulsões são então deformadas

pela defesa, ao ponto de serem irreconhecíveis pelo ego, como forma de proteção. Na mesma formação podem assim ser satisfeitos — num mesmo compromisso — simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas.

LEMBRANÇA ENCOBRIDORA

Lembrança infantil que se caracteriza ao mesmo tempo pela sua especial nitidez e pela aparente insignificância do seu conteúdo. A sua análise conduz a experiências infantis marcantes e a fantasias inconscientes. Como o sintoma, a lembrança encobridora é uma formação de compromisso entre elementos recalcados e a defesa.

2. RACIONALIZAÇÃO

Provavelmente é o mecanismo de defesa mais utilizado pelo ego, para evitar a ação da censura consciente imposta pela parte do superego que acusa, produzindo culpa, sendo operado muito mais no campo consciente. Podemos dizer que é o processo engenhoso desenvolvido pelo racional, no qual o indivíduo procura apresentar justificativas para si próprio e para os outros de uma forma coerente do ponto de vista lógico, ou aceitáveis do ponto de vista moral, legal, religioso etc... para uma atitude, ou para uma ação desencadeada, ou para uma idéia ou sentimento que na verdade são produzidas pelas suas tendências e por outros motivos de natureza egocêntrica, que não percebemos ou não queremos perceber.

A RACIONALIZAÇÃO DE CONTEÚDOS RECALCADOS

Nem toda racionalização é proveniente de um processo recalcado, no entanto, pode ocorrer esta hipótese quando a perversidade, a covardia, a luxúria, o sadismo, a maldade etc, recalçadas podem se manifestar no consciente, maquiadas com uma nova roupagem, disfarçando suas reais intenções, impedindo assim a repressão aberta, direta da sociedade e da censura moral. A racionalização, nestes casos, seria aquela maneira engenhosa de atender estas pulsões sem que o ego corra risco. Alguns exemplos de racionalização caracterizam justificativas mais sólidas, apoiadas nas diversas ideologias que cada um desenvolve para si mesmo e que, por vezes, matriciam um comportamento de não aceitação da realidade concreta dos fatos, podendo ser originados de conteúdos recalcados.

4. A COMPENSAÇÃO

Quando você sentir alguma deficiência, seja real (ex: deficiência física) ou imaginária (crenças ruins, recalçadas R.A.M.E.N), ou mesmo moral que possa gerar um estado mental de menos valia, comprometendo a sua felicidade, você terá a sua disposição este mecanismo que consolidará o

seu espírito de luta, a sua persistência, a sua tenacidade e a vontade de vencer estes obstáculos. Foi Alfred Adler, pai da psicanálise analítica que percebendo que um órgão deficitário é substituído pelo seu par (um pulmão doente, um rim etc.) que constatou semelhante compensação na área psicológica. A compensação é um mecanismo de defesa inconsciente ligado às pulsões do id, que forçam o ego a agir na busca do equilíbrio psicológico através do prazer, impedindo que o indivíduo possa ter sua valia afetada por algo considerado como um ponto fraco consciente quer seja uma deficiência física ou psicológica real ou mesmo imaginária.

Este mecanismo é muito ligado a necessidade de homeostase, de equilíbrio psíquico.

5. FORMAÇÃO DE REAÇÃO (FORMAÇÃO REATIVA)

Para compreendermos o que é a formação de reação vamos inicialmente lembrar o mecanismo do recalque que é a rejeição consciente ou inconsciente pelo ego, de pensamentos, imagens, recordações e emoções do id consideradas inaceitáveis pela censura moral e pelo mundo, ou seja, o indivíduo procura manter no inconsciente estas representações ligadas a uma pulsão (impulso). No entanto, quando estas pulsões recalçadas investidas pelo id tentam retornar ao nível consciente, pode o indivíduo desenvolver um contra investimento, hábito psicológico de sentido oposto a este desejo, constituído de uma reação consciente contra ele, por exemplo: o pudor se opondo a uma tendência exibicionista que está recalçada. Na realidade a formação reativa é decorrente de uma compensação extremada do ego, é um contra-investimento consciente, de uma força de igual intensidade e de sentido oposto ao investimento produzido pela pulsão recalçada que o ego faz contra algo que ele teme e que quase sempre não tem consciência.

6. NEGAÇÃO

Processo pelo qual o indivíduo inicialmente aceita a representação de uma pulsão (desejos, pensamentos, sentimentos, imagens, recordações). Ao se conscientizar do desprazer que poderia gerar ao ego em aceitar sua satisfação porque sofreria a ação do superego (ideal de ego) rejeita, recalcando em seguida. A partir daí assume uma postura consciente de negação, de defesa, refutando que tal representação lhe pertença ou tenha lhe pertencido. A negação, no nível consciente, repele as recordações recalçadas que emergem, indicando que estes conteúdos inconscientes começam a ressurgir como um meio do indivíduo tomar conhecimento das suas existências como algo que deseja, mas que teme. A negação ocorre no campo consciente devido a não aceitação destes conteúdos pelos mecanismos da censura moral, representando, uma defesa associada a um estado profundo de não se permitir aceitar a pulsão pelo grau de culpa que isto lhe traria.

FUGA OU ISOLAMENTO COMO DEFESA.

Outra forma de negação é o isolamento ou fuga, que leva o indivíduo a se isolar do mundo das relações como uma forma de não aceitar a realidade desejada, já que esta poderia lhe trazer algum sofrimento. Ao negar a realidade, recalca-a e a partir daí nega a sua existência fugindo de tudo que possa lembrá-la. Exemplo disto podemos encontrar em algumas pessoas, que se isolam em alguma ordem religiosa sem vocação, negando o prazer que a convivência social lhe traria, com medo da vida sexual ou de enfrentar o sexo oposto, ou da homossexualidade, realidade desejada mais temida pelo nível de frustração que poderia sofrer em termos da sua censura moral.

6. SUBSTITUIÇÃO OU DESLOCAMENTO

Toda vez que uma representação de uma pulsão (desejos, pensamentos, recordações, sentimentos, emoções etc...) se deslocar do seu objeto principal de satisfação para um outro associado, estaremos diante de um processo de substituição ou deslocamento. Estas representações podem estar ligadas a desejos, sentimentos, emoções boas ou não, voltadas a uma determinada pessoa ou idéia e serem deslocadas para outras pessoas ou mesmo para outras idéias.

7. A IDEALIZAÇÃO

Processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto (meta de satisfação da pulsão) são levados à perfeição, sendo engrandecido e exaltado psiquicamente, devido a estrutura de valores voltados a perfeição, introjetados no ideal de ego. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação dos ideais da pessoa, contudo não pode ser levado a nível de perfeição.

8. SUBLIMAÇÃO

Fazendo uma ligação de tudo que já mostramos até agora, vamos concluir que toda vez que uma pulsão se manifestar através das suas diversas representações: desejos, pensamentos, imagens, recordações, emoções etc..., e, estas forem consideradas inaceitáveis pela censura inconsciente, o indivíduo poderá recalca-las prevenindo possíveis conflitos, já que não poderia conviver no campo consciente com o desprazer que seria gerado, caso permitisse atender estas necessidades oriundas do id, que buscam prazer e satisfação a todo custo.

9. PROJEÇÃO e CONVERSÃO:

“A projeção é deste grupo, um claro e freqüente exemplo”. Resumidamente, podemos defini-la como um recurso pelo qual atribuímos aos outros sentimentos e tendências recalçadas e pensamentos que são nossos, mas que não aceitamos em nós mesmos. Assim, o eterno

desconfiado, aquele que sempre acha que estão querendo enganá-lo e “puxar seu tapete” é provavelmente desleal e falso nas relações com as outras pessoas. O crédulo e confiante otimista em relação aos outros, é provavelmente alguém confiável, leal e franco.

“A conversão é, talvez, de todos os mecanismos de defesa, aquele que de forma mais direta relaciona o sofrimento da mente aos males do corpo”. É basicamente uma defesa do ego contra a ansiedade, originada geralmente de desejos de natureza física reprimidos. Esses conflitos exteriorizam-se, assim, através de sintomas ou distúrbios físicos com frequência carregados de simbolização, sendo descarregados através da complacência somática.

10. AUTOPUNIÇÃO ou MASOQUISMO:

“Outro mecanismo que, embora distinto, se confunde com a conversão, por ensejar agressão direta ao organismo é a autopunição ou masoquismo”.

“Autopunição ou masoquismo”: Para aliviar a ansiedade nascida de um sentimento de culpa derivado por sua vez de um mau comportamento real ou imaginário, a pessoa se agride internamente. Outra possibilidade é que, pelas mesmas razões, busque punição por agente externo. Este pode ser a lei, a sociedade ou a busca de situações que impliquem risco de dano físico, infligido por outrem ou “acidental”.

11. REGRESSÃO:

Um mecanismo de defesa intrinsecamente nocivo.

Por esse meio, a pessoa volta a assumir comportamentos próprios da infância, buscando fases felizes, nas quais se sentia seguro e reconhecido.

A regressão geralmente ocorre em situações conflituosas, com as quais a pessoa não consegue lidar de forma racional e madura.

Significa, em geral, uma incapacidade do eu consciente de enfrentar, ou controlar, o conflito.

É como se, voltando a ser criança ou a buscar períodos felizes, a pessoa desistisse da luta e se entregasse a uma busca de segurança e reconhecimento ilusórios.

Como uma forma de defesa do ego designa-se por regressão um retorno psíquico em sentido inverso, desde um ponto já atingido de maturidade até um ponto situado antes desse, sempre na busca de períodos mais felizes já vividos, perante a uma realidade atual frustrante e ameaçadora.

12. REPRESSÃO

Em sentido amplo: operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão.

Em sentido mais restrito: designa em certas operações um sentido diferente do recalque:

Ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente;

Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente mas inibido.

13. JUÍZO (OU JULGAMENTO) DE CONDENAÇÃO

Operação ou atitude pela qual o sujeito, ao tomar consciência de um desejo, proíbe-se de realizá-lo, ou vivenciá-lo, principalmente por razões morais ou de oportunidade (compromissos de relacionamento, como casamento, sociedade etc.), mas deixa de enfrentar estas situações.

Segundo Freud, é um modo de defesa mais elaborado (usa o ego que avalia) e mais adaptado que o recalque. Daniel Lagache propôs que fosse considerado um processo de “desimpedimento” do ego, que funciona especialmente no tratamento analítico.

14. IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR

Mecanismo de defesa isolado e descrito por Anna Freud (1936). O sujeito, confrontado com um perigo exterior (representado tipicamente por uma crítica emanada de uma autoridade), identifica-se com o seu agressor, imitando física ou moralmente a pessoa do agressor, perante a outras pessoas ou adotando certos símbolos de poder que o caracterizam (ex: suástica nazista).

Segundo Anna Freud, esse mecanismo se desenvolve na criança, predominante na construção da fase preliminar do superego, pois a agressão mantém-se então dirigida para o exterior e não se voltou ainda contra o sujeito sob a forma de autocrítica.

15. REPARAÇÃO

Mecanismo descrito por Melanie Klein pelo qual o sujeito procura reparar os efeitos produzidos no seu objeto de amor pelas suas fantasias destruidoras. Este mecanismo está ligado à angústia e à culpabilidade depressivas: a reparação fantasística do objeto materno, externo e interno, permitiria superar a posição depressiva garantindo ao ego uma identificação estável com o objeto benéfico.

16. POSIÇÃO PARANÓIDE

Segundo Melanie Klein, modalidade das relações de objeto específica dos quatro primeiros meses da existência, mas que pode ser encontrada posteriormente no decorrer da infância e, no adulto, particularmente nos estados paranóico e esquizofrênico.

Caracteriza-se pelos aspectos seguintes: as pulsões agressivas coexistem desde o início com as pulsões libidinais e são particularmente fortes; o objeto é parcial (principalmente o seio materno) e clivado em dois, o “bom” e o “mau” objeto; os processos psíquicos predominantes são a introjeção e a projeção; a angústia intensa, é de natureza persecutória (destruição pelo “mau” objeto).

17. POSIÇÃO DEPRESSIVA

Segundo Melanie Klein, modalidade das relações de objeto consecutiva à posição paranóide; institui-se por volta dos quatro meses de idade e é progressivamente superada no decorrer do primeiro ano, ainda que possa ser encontrada durante a infância e reativada no adulto, particularmente no luto e nos estados depressivos.

Caracteriza-se pelo seguinte: a criança passa a ser capaz de assimilar a mãe como objeto total; a clivagem entre “bom” e “mau” objeto atenua-se, pois as pulsões libidinais e hostis tendem a referir-se ao mesmo objeto; a angústia, chamada depressiva, incide no perigo fantasístico de destruir e perder a mãe por causa do sadismo do sujeito; essa angústia é combatida por diversos modos de defesa (defesas maníacas ou defesas mais adequadas: reparação, inibição da agressividade) e superada quando o objeto amado é introjetado de forma estável e tranquilizadora.

18. AFANISE

Termo introduzido por E. Jones: desaparecimento do desejo sexual. Segundo este autor, a afanise seria, nos dois sexos, objeto de um temor mais fundamental que o temor da castração.

19. INTELECTUALIZAÇÃO – MECANISMO DE DEFESA

Processo pelo qual o sujeito procura dar uma formulação discursiva (racional) aos seus conflitos e às suas emoções, de modo a justificar-se atendendo os padrões e exigências do superego (ideal de ego), evitando ter a sua imagem afetada perante os outros. O termo, explica especialmente no tratamento, a preponderância conferida ao pensamento abstrato (dissimulado, defensivo e racional) que o paciente manifesta para não enfrentar seus afetos, tendências, desejos e fantasias e tudo que se choca com o seu ideal de ego, contudo ao proteger-se em termos de imagem, quase sempre sente culpa.

20. A POSTERIORI

Termos freqüentemente utilizados por Freud com relação à sua concepção da temporalidade e da causalidade psíquicas. Há experiências, impressões, traços mnésicos antigos que são posteriormente remodelados em função de novas experiências ou aprendizados ou de outro grau de desenvolvimento dos seus valores (ideal de ego). Pode então ser conferida, além de um novo sentido, uma nova interpretação psíquica, as experiências passadas, produzindo os traumas ou libertando o ego da rigidez de um ideal de ego anteriormente rígido.

21. IMAGO

Protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito identifica-se e introjeta características do outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas (entre pessoas) reais e fantasísticas com o meio familiar.

22. FIXAÇÃO

O fato de a libido se ligar fortemente a pessoas ou imagens, de reproduzir determinado modo de satisfação condicionada ou de permanecer organizada segundo a estrutura característica de uma das suas fases evolutivas (oral, anal ou fálica). A fixação pode abrir ao sujeito o caminho de uma regressão definitiva. A noção de fixação é geralmente compreendida no quadro de uma concepção não evolutiva das fases do desenvolvimento psicológico. A evolução implica uma progressão ordenada da libido e do comportamento psicossocial e não a fixação numa fase de desenvolvimento sexual ou de expressão da personalidade. Podemos considerar a fixação fora de qualquer referência evolutiva dentro do quadro da teoria freudiana do inconsciente, como designando o modo de inscrição de certos conteúdos representativos (experiências, comportamentos, imagens, fantasias) que persistem no inconsciente de forma inalterada e aos quais a pulsão permanece ligada, produzindo uma rigidez de atitude, de pensamento e de expressão frente ao ambiente.

23. PAVOR OU SUSTO

Reação a uma situação de perigo ou a estímulos externos muito intensos que surpreendem o sujeito num tal estado de não-preparação, que ele não é capaz de se proteger deles ou de dominá-los.

24. SINAL DE ANGÚSTIA

Expressão introduzida por Freud para designar um dispositivo racional que o ego põe em ação diante de uma situação de perigo, para evitar ser dominado pelas excitações desagradáveis. O

sinal de angústia reproduz de forma atenuada a reação de angústia vivida primitivamente numa situação traumática, o que permite desencadear operações de defesa. Termo utilizado por Freud no quadro da sua segunda teoria da angústia: angústia perante um perigo exterior que constitui para o sujeito uma ameaça real.

25. ANGÚSTIA AUTOMÁTICA

Reação do sujeito sempre que se encontra despreparado e submetido a uma situação traumática, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, em que ele é incapaz de dominar. A angústia automática opõe-se para Freud ao sinal de angústia, que é a preparação para evitar a angústia automática.

26. DESENVOLVIMENTO DE ANGÚSTIA

Expressão forjada por Freud . A angústia enquanto considerada no seu desenrolar temporal, no seu crescimento no indivíduo.

27. DESAMPARO (ESTADO DE —)

Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna que o invade. Para o adulto, o estado de desamparo favorece a situação traumática geradora de angústia, já que caracteriza uma total insegurança e despreparo para enfrentar os desafios da via de relação. Ele está intimamente ligado a uma baixa resistência às frustrações.

FRUSTRAÇÃO

Condição psicológica desagradável decorrente de um conflito psíquico ligado ao não atendimento das expectativas do ego em receber algo das pessoas, coisas e sistemas para estar feliz. O conflito é sempre angustiante produzindo o afeto. Como já falamos o conflito é decorrente de uma expectativa não atendida pelos outros ou que foi recusada internamente, pelo próprio indivíduo (censura moral/ideal de ego), ligada a uma pulsão, a um desejo ou a uma necessidade que não podem ser atendidas sem chocar-se com a censura baseada no ideal de ego. A psicologia contemporânea, especialmente nos estudos sobre a aprendizagem, tende a interligar a frustração e a gratificação, e a defini-las como condição de um organismo submetido, respectivamente, à ausência ou à presença de um estímulo agradável. Tal concepção pode aproximar-se de certas idéias de Freud, particularmente daquelas em que ele parece assimilar a frustração à ausência de um objeto externo suscetível de satisfazer a pulsão oriunda do id.

AFETO / QUANTUM DE AFETO

Afeto é o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado penoso ou desagradável, ao qual está submetido o indivíduo, podendo ser inespecífico ou qualificado por algo constrangedor, que aconteceu ou poderá vir a acontecer. O afeto pode não ser específico, quando a distonia emocional é decorrente do retorno do recaiado e não tem uma causa aparentemente definida. O estado de afeto, quando inespecífico, também pode ter sua origem na perda de energia, desviada para a manutenção do recalque fora do campo consciente, decorrente da ação de contra-investimento do ego, para evitar o retorno do recaiado. Segundo Freud, tudo que investe internamente contra o ego, de forma indesejável, se exprime em dois registros: primeiro no afeto e segundo na representação (na memória do ocorrido). Na representação, fica gravado o quantum de afeto, que apresenta uma expressão qualitativa e uma expressão quantitativa, ou seja, a qualidade e a quantidade da energia desagradável que está ligada à representação inconsciente. Já o afeto, propriamente dito, o desagradável, em toda sua qualidade e intensidade, só pode ficar no campo consciente, desaparecendo com o tempo, através do trabalho de elaboração do ego. Caso o afeto (o desagradável) não seja elaborado pelo ego e o ego não tenha energia para recalá-lo no inconsciente, ele provavelmente ficará reprimido no pré-consciente, fazendo o ego constantemente lembrar-se do ocorrido. Caso o ego possua energia para contra-investir e recalá-lo no inconsciente, a recordação do desagradável (afeto) não será lembrada facilmente.

Observação: as representações podem ser agradáveis e, neste caso, nunca afetarão o ego, não sendo alvo de estudo da psicanálise.

Quando uma representação é formada, geralmente ela é oriunda de algo externo que invadiu o campo consciente, de forma ameaçadora ou desagradável. Imediatamente se estabelecerá, no campo do ego, uma representação (uma memória do fato + a qualidade e a intensidade da emoção desagradável ou agradável). Contudo, este estímulo desagradável, também atingirá o inconsciente, gravando neste sistema, a memória visual do ocorrido e a qualidade e a intensidade do desagradável, ou seja, o quantum de afeto. A noção de afeto e quantum de afeto assume grande importância, logo nos primeiros trabalhos de Breuer e Freud, sobre a psicoterapia da histeria (conversão) e a descoberta do valor terapêutico da ab-reação, durante a catarse (purgação).

A origem do sintoma histérico/conversivo acontece quando não há uma descarga adequada (consciente, do ego) daquilo de desagradável que ficou recaiado (quantum de afeto). O excesso de excitação, que caracteriza o afeto e o quantum de afeto, é direcionado ao soma (corpo) ou ao

sistema nervoso em especial, ou é descarregado sobre a parte psíquica, produzindo as neuroses em geral. Somente quando a lembrança do desagradável provoca a catarse do afeto (a purgação, a eliminação do desagradável) que estava ligado a ela na origem, é que a rememoração do ocorrido produz a sua eficácia terapêutica, eliminando o trauma, quer ele seja agudo ou mesmo crônico (produzido lentamente, por acúmulo de coisas desagradáveis não elaboradas).

Assim, o afeto propriamente dito, sempre ficará no campo consciente, do ego, desaparecendo com o tempo, pois no campo consciente, algo agradável anula o desagradável. Entretanto, o quantum de afeto (o registro da qualidade e da intensidade do desagradável) sempre ficará ligado à representação, quer ela esteja recalcada no inconsciente ou mesmo no pré-consciente, só podendo ser eliminado ou pela elaboração ou pela catarse do desagradável (ab-reação).

Resumindo:

São três as possibilidades de transformação do afeto/quantum de afeto:

1. O da descarga ou deslocamento dos afetos/quantum de afeto para o corpo (conversão) – produzindo doenças físicas. Ex.: doenças de pele, cegueira, diabete, paralisias, câncer etc.
2. O da descarga dos afetos para o sistema nervoso (histeria), produzindo fortes descompensações emocionais. Ex.: gritos, surtos, tremedeiras, choro intenso, desmaio.
3. O da descarga do afeto sobre a psique, sobre o ego, contribuindo para a produção das neuroses: obsessivas, compulsivas, fóbicas etc.

A noção de afeto e de quantum de afeto é utilizada em duas perspectivas:

1ª Designando uma ressonância emocional que perturba o ego, decorrente de uma experiência geralmente forte e desagradável (conflito, frustrações, etc...).

2ª Mas pode ser caracterizada, a maior parte das vezes, como o nível de excitação (econômico) que desarmoniza o aparelho psíquico.

Afeto – aspecto qualitativo e quantitativo do desagradável; fica somente no campo consciente (da mágoa, da culpa, do medo etc.), sendo compensado, rapidamente, por experiências agradáveis do ego.

Quantum de afeto – designa principalmente o aspecto propriamente econômico, (quantitativo) mas também o aspecto qualitativo do desagradável ligado à uma representação recalcada.

Quando o quantum de afeto se separa da representação poderá, ao atingir o campo consciente,

produzir descargas emocionais (catarse), que se tornam sensíveis ao indivíduo, fazendo-o ressentir algo penoso (afeto) ao recordar o que foi frustrante ou traumático do passado.

Não se pode considerar o termo afeto (desagradável) fora da referência da consciência do ego. O afeto é sempre compensado, em seguida, num tempo posterior, por outra experiência agradável, trazendo uma homeostase relativa do ego. Contudo, o quantum de afeto ficará sempre ligado à representação gravada no inconsciente e manterá a excitação associada às memórias visuais do fato. Ficarão aí associadas a outras representações anteriores, aumentando a pressão interna, obrigando o ego a contra-investir, evitando o retorno do recaiado, causando transtornos à vida do indivíduo (tristeza, perda de libido, depressões, neuroses etc.), pela perda da energia utilizada para manter o desagradável fora do campo consciente.

Simultaneamente ao recalque do acontecimento desagradável no inconsciente, ficará gravado no pré-consciente uma representação, espelho do ocorrido, que poderá, durante um período de tempo, manter certo nível de excitação desagradável (afeto), incomodando, periodicamente, o ego, até que seja ab-reagida ou perlaborada.

Freud recusa-se a estabelecer um paralelismo entre o chamado afeto/quantum de afeto, que não foi produzido por trauma e sim pela forma errada de pensar sobre si mesmo (sentimento de culpa inconsciente – recalque, sentimento de inferioridade, sentimento de menos valia), com as representações pré-conscientes e inconscientes. As representações são registros emocionais formados por traumas e frustrações intensas e se tornam crônicas e permanentes no pré-consciente, como formação real (traços vividos). Já os R.A.M.E.N. (registros automáticos de memória emocional negativa) gerados pela forma errada de pensar e falar sobre si mesma (sou burra, feia, infeliz, incapaz), apesar de carregarem um grau de excitação desagradável, são provisórios e de fácil elaboração no cotidiano da vida do indivíduo. Correspondem a maus condicionamentos ligados a um rudimento de uma representação que não conseguiu desenvolver-se totalmente, pois não são necessariamente acompanhadas de um traço de memória (mnésico) de algo que aconteceu. Caso sejam decorrentes de algo desagradável que aconteceu serão consideradas como representações.

Assim, as representações caracterizam sempre a reprodução de acontecimentos antigos desagradáveis, em resumo, o afeto é um fator postulado como substrato qualitativo (essência) e quantitativo da excitação ligada ao desagradável, ao qual o indivíduo foi exposto.

O quantum de afeto, mais ligado ao quantitativo da excitação, caracteriza o que é invariável na representação recalçada no inconsciente. Ele se desloca de uma representação para outra, soma-

se a outros quantuns de afeto anteriores ligados às representações mais antigas.

O quantum de afeto, ao se desligar da representação original, retornará para o campo consciente (ego), produzindo um nível de excitação desagradável (emocional), ligado a um representante psíquico derivado da representação original, ou seja, uma imagem de parte do ocorrido, mais um sentimento associado ao ocorrido etc.

Freud usava a expressão quantum de afeto quando tratava do destino da pulsão oriunda do id que, ao ser qualificada na representação recalcada, arrasta, em direção ao campo consciente, as excitações desagradáveis. Ele sempre caracterizou a independência do quantum de afeto em relação à representação (memórias).

O quantum de afeto possui todas as propriedades de uma quantidade, ainda que não possamos medi-lo. É algo que pode ser aumentado, diminuído, deslocado, descarregado e se espalha sobre os traços de memória das representações, mais ou menos como uma carga elétrica sobre a superfície dos corpos.

EGO – PRAZER / REALIDADE ↔ EU – PRAZER / REALIDADE

Prazer X realidade são opostos. As pulsões oriundas do id, que funcionam segundo o princípio do prazer, submetem-se, progressivamente, ao princípio da realidade (elaboração), mas esta evolução é menos rápida e menos completa nas pulsões sexuais, pulsões estas mais difíceis de “educar” do que as pulsões fisiológicas (impulsos de auto-conservação: xixi, cocô, fome, sede). Do mesmo modo que o ego-prazer nada mais pode fazer além de desejar o prazer e evitar o desprazer, também o ego realidade nada mais tem a fazer do que obedecer aos padrões, segundo aquilo que lhe é permitido (ideal de ego e ego ideal) e garantir-se assim, contra as frustrações psíquicas e os danos, punições e censuras que possa sofrer pelas restrições externas (leis, princípios morais e sociais etc.) como também internas do superego.

Ego prazer e ego realidade não são duas formas radicalmente diferentes do ego, mas sim dois modos de funcionamento psíquico do ego: segundo o princípio do prazer (id) e segundo o princípio da realidade (aprendizado moral e social). Quando o sujeito busca a realização de seus desejos, através daquilo que é agradável e os valores morais, as restrições da vida e o mundo exterior são contrários a estes impulsos, temos o conflito. Instintivamente nos identificamos com tudo aquilo que é agradável e nos defendemos contra tudo que é desagradável. Este processo psíquico se faz por uma introjeção dos estímulos que chegam do mundo exterior, que são agradáveis e prazerosos, e pela projeção para fora de si do que dentro é gerador de desprazer (inseguranças, medos, mágoas, insatisfações etc.). Nesta nova posição, o sujeito é o idealizador do ego-prazer,

já que tudo que é desagradável deve estar fora de si mesmo, para o encontro da homeostase (equilíbrio psicológico). Os pontos de vista freudianos sobre a evolução do ego-prazer x realidade, constituem uma tentativa para estabelecer uma mediação entre o indivíduo biopsicológico (assimilável, em nossa opinião, ao ego-realidade) e o ego (como instância que deseja o prazer, aquilo que é agradável, mas deve submeter-se às restrições da vida, às regras sociais e aos processos de censura). O ego realidade se caracteriza, principalmente, pela razão, pelo ego que avalia, que se corrige, elabora, perdoa, se perdoa e evolui. Já o ego prazer busca introjetar tudo que é bom e rejeitar para fora de si tudo que é mau. Ele se caracteriza, principalmente, pela emoção, pelo ego que sente, sendo ilógico e impulsivo.

Assim, ego-prazer x ego-realidade constituem um conjunto de operações psíquicas de introjeção (colocar para dentro, incorporar) e de projeção (colocar para fora) produzida pelo ego, através do ideal de ego/ego ideal, transmitido pelos pais e seus desejos internos (tendências e vivências de prazer). O ego prazer x ego realidade estabelecem o limite de um ego que compreende um mundo interior e um exterior. É a harmonia entre os dois que estabelecerá a saúde psíquica e mental e é a desarmonia, entre eles, que produzirá as doenças psíquicas (depressões, neuroses, psicoses etc.).

EM RESUMO:

Mecanismos de Defesa do Ego são meios que seu inconsciente usa para mascarar a realidade, ou seja, são mecanismos usados para abrandar alguma dor. Ele te protege da frustração e dos conflitos mentais. São meios de você lidar com seus conflitos mentais inconscientes, que levam você a sentir angústia. Sendo assim, agem protegendo a integridade do Ego. É uma proteção essencial à sua mente diante da angústia que alguns pensamentos ou sentimentos provocam. Eles são importantes porque protegem sua realidade.

Freud iniciou os estudos sobre os mecanismos de defesa mas quem se envolveu a fundo foi Anna Freud, que inclusive sistematizou em um livro: **O Ego e os Mecanismos de Defesa**.

São meios que seu inconsciente utiliza para evitar que você sofra com a realidade de algo que possa não te fazer tanto bem.

Na **repressão**, você manda um sentimento para o inconsciente;

Na **negação**, você nega uma realidade;

Na **racionalização**, você dá uma nova roupagem à uma ação;

A **formação reativa** inverte a realidade: diz uma coisa querendo dizer outra;

Na **projeção**, você projeta no outro algo que é seu;

O **isolamento** separa o fato do afeto;

Na **regressão**, você volta a um estágio anterior do crescimento.

A seguir, alguns dos principais mecanismos de defesa do ego:

Formação Reativa

Usamos a formação reativa quando falamos e demonstramos o oposto do que estamos sentindo, o oposto do desejo real. É quando você fala alguma coisa e está sentindo exatamente o contrário. Ou seja, você substitui pensamentos e comportamentos pelo seu oposto. Pessoas que utilizam de forma constante esse mecanismo tem a tendência a serem muito neuróticas, porque vivem constantemente em conflito mental.

Um bom exemplo é quando você trata exageradamente bem uma pessoa que, na realidade, você não gosta. Outro exemplo é de um homofóbico, que critica exageradamente os homossexuais, quando na verdade ele tem uma inclinação à homossexualidade. Ou quando você diz que não está sofrendo com o término de um namoro.

A pessoa simula um comportamento. Isso a nível inconsciente. Porque se for a nível consciente, não se trata de formação reativa. É falsidade, hipocrisia ou qualquer outra coisa. Menos formação reativa.

Na formação reativa o impulso é inconsciente e é reprimido, e o exagero da negação é justamente para manter o impulso reprimido, para ele não vir à tona. Você tenta esconder algo que sente (talvez por acreditar ser inaceitável, vergonhoso ou repudiado), tendo comportamentos opostos ao sentimento real. Geralmente as pessoas que utilizam desse mecanismo de defesa tem feridas bem profundas, tem conflitos mentais inconscientes, talvez traumas infantis, o que elas vivenciaram ou escutaram. E essas causas precisam ser investigadas. Com certeza isso não está fazendo bem a elas. É importante que você suspeite de todo comportamento exagerado. Eles nem sempre são reais.

Projeção

Nesse mecanismo de Defesa do Ego você projeta no outro a vontade que você mesmo tem de fazer alguma coisa. Quem mente acha que todo mundo está mentindo. Quem pensa em trair acha que todo mundo trai. Você não consegue lidar com esse sentimento, então projeta no outro sua

própria vontade. Atribui a outra pessoa o que você mesmo pensa de si. São sentimentos que saem de dentro de você e são projetados no outro, como se fosse o outro que sentisse. E você não tem consciência disso. O ciúme projetado é quando você acusa seu parceiro de estar sendo infiel ou ter inclinações à infidelidade, quando na verdade você mesmo é o real dono desses sentimentos. Ou seja, você acusa seu parceiro de olhar para outra pessoa e possuir desejo por ela, quando você é que tem desejos sexuais fora do relacionamento.

Negação

Aqui você nega para se proteger. Você nega uma situação penosa. Você não aceita um fato e diz: “não foi bem assim...” Esse mecanismo está na primeira etapa do luto. Por exemplo: você nega que a pessoa tenha falecido, para se proteger da dor. Você não aceita. E até ter passado por todas as etapas do luto, até sua elaboração, você ainda convive um bom tempo na negação. Esse mecanismo de defesa é muito comum e bastante utilizado pelas crianças. Elas constantemente fazem algo errado e negam, para não serem castigadas.

Encontramos também a negação em pessoas que não admitem estar doentes. O médico dá seu diagnóstico e ela o contesta, dizendo que não é esse o problema. E ela realmente acredita não estar acometida por aquela doença. No entanto todos os exames apontam para aquele diagnóstico.

Racionalização

É o processo em que alguém atribui pensamentos lógicos e aceitáveis a sentimentos e ações não tão aceitáveis assim. Ou até mesmo inaceitáveis. Aqui se racionaliza, ou seja, dá-se uma explicação supostamente lógica a ele. Você tenta provar que está certo, apresenta uma explicação plausível, pautada na ética, para uma atitude, digamos, inaceitável. É a busca de uma explicação lógica para algum fato obscuro.

Nesse caso o superego está atuante, cobrando. Aí, para se dar uma explicação ética, são manipulados, inconscientemente, os motivos dessa atitude, para que ela se torne aceitável.

Deslocamento

Você desloca um sentimento ameaçador que sofreu para uma ação em outra pessoa ou coisa.

Descarrega sua raiva para um objeto mais fraco. O mecanismo de defesa do deslocamento é quando, por exemplo, seu chefe te trata mal no trabalho e você chega em casa e descarrega a raiva em sua esposa ou filhos. Como você não pode devolver a hostilidade em seu chefe, pois isso acarretaria na perda do emprego, ou perseguição, ou algo do tipo, você desloca para outro

objeto.

O objeto em psicanálise pode ser uma pessoa, um animal, ou até mesmo um objeto, de fato.

Regressão

É quando você regride para uma fase anterior de sua vida, uma fase infantil, onde se sentia seguro. É uma maneira de reduzir a angústia diante de algum momento ruim que esteja passando. É um retorno no desenvolvimento normal, onde se alivia a tensão retornando a um certo comportamento de quando se era criança e se sentia seguro.

É considerado um mecanismo de defesa primitivo, porque a fonte de tensão não acaba, só diminui.

Aqui é o caso do fumante compulsivo. No momento em que ele está angustiado, nervoso, preocupado, ele regride a uma fase de desenvolvimento anterior, em que se sentia protegido. No caso do fumante, ele regride à fase oral. Se sente protegido, como no tempo em que sugava o seio da mãe, a mamadeira ou chupeta. Mas essa atitude de regredir a uma fase anterior do desenvolvimento só alivia a tensão. Não resolve o problema, pois não resolve a causa da angústia.

Por isso o fumante sempre volta a fumar outro e mais outro cigarro, sempre em busca do seio da mãe para se sentir confortável e livre da tensão.

Sublimação

Na sublimação há a angústia por um sentimento que você não consegue lidar, como: desejos sexuais ou agressivos. Nesse caso, faz-se algo produtivo em substituição ao seu desejo inicial. Você muda o foco para atividades artísticas, culturais ou intelectuais. Quando você sublima, transforma um impulso sexual ou agressivo em algo aceitável. É a transformação das emoções que estão causando conflito, em algo bom.

Explicando com exemplos:

- Uma mulher frustrada em seus desejos sexuais, por não ter um casamento muito aberto a diálogos e não poder conversar sobre seus sentimentos e desejos com o marido. Ela vai fazer algo criativo, que substitua aquele desejo. Ela canaliza aquela energia para outro fim: resolve virar musicista, tocar piano, flauta, bateria ou qualquer outro instrumento. Ou decide pintar quadros ou aprender hebraico, mandarim. Alguma coisa que tire o foco. É uma forma de sublimar seu desejo. É um tipo de substituição onde o substituto é algo cultural ou intelectual.
- Quando você faz um esporte de luta, pode estar sublimando a vontade de agredir alguém para algo socialmente aceitável.

- Um médico pode sublimar sua vontade de ferir pessoas, salvando vidas, fazendo cirurgias.
- Uma pessoa que canaliza seus desejos sexuais para algo religioso. E viverá em função da igreja, doações e tudo em seu entorno.
- Podem ocorrer muitos desejos sexuais insatisfeitos, e toda essa frustração você transforma em arte.

Há um desvio do impulso inapropriado para outro fim, que descarrega o impulso de uma forma mais eficaz, sem deixar sofrimento na pessoa.

Na sublimação o inconsciente lida com as aspirações do ID e a pressão do Superego. O Ego satisfaz o ID, sem ir de encontro ao Superego. Como? Fazendo que aquela aspiração seja gratificada de outra forma, através de algo aceitável, útil, sociável, criativo. E na sublimação o inconsciente aceita de bom grado o substituto. Essa energia libidinal sublimada reduz o desejo anterior. Ela elimina a tensão.

Na psicanálise ela é tida como o único mecanismo de defesa realmente eficaz, porque é bem sucedido tanto para a pessoa como para a sociedade. E, acima de tudo, é útil e construtivo, porque transforma um ato tido como prejudicial em algo benéfico.

Repressão

Consiste em manter algo que cause angústia para distante do consciente. Então é reprimido, mandado para o esquecimento, para o inconsciente. Mas ele não deixa de fazer mal, porque a energia está lá, circulando, esperando a oportunidade de escapar.

Aí é onde aparecem as neuroses. Dos sentimentos reprimidos. Foi tirado do consciente e mandado para o inconsciente para ele não causar dor, mas ele está lá, latente. Você conscientemente não sabe dele mas ele é pura energia. E essa energia influencia em o tudo que se está sentindo hoje.

Os sintomas neuróticos são originados da repressão, ou seja, as doenças psicossomáticas são frutos dos desejos, sentimentos ou pensamentos que foram reprimidos.

Então tornam-se: impotência, asma, úlcera... E você nem imagina de onde vieram.

Isolamento

No mecanismo de defesa do isolamento separamos o fato do afeto, ou seja, separamos o fato ocorrido do sentimento ligado a ele.

Funciona da seguinte forma:

Quando acontece algo que deveria causar alguma dor ou constrangimento, o inconsciente faz com que não sintamos nada naquele momento. Mas o fato ocorreu e ele é normalmente sentido como penoso. Mas, para não haver o sofrimento naquele exato momento, o inconsciente o isola. Manda para o esquecimento temporário. No isolamento, o fato ocorrido e que deveria causar a angústia está lá, porque ele é pura energia e essa energia circula em busca de saída. Ela vai escapar de alguma forma: seja como uma fobia, uma dor conversiva ou um ciúme exagerado.

É o caso da moça que foi traída pelo marido há seis meses. Ela descobre e não demonstra nenhuma reação, como se ela não estivesse sofrendo. De fato, naquele momento ela não sofreu. O inconsciente isolou o fato, tamanha seria a dor se ele não o fizesse. O que acontece é que aquela dor existe, é real. E ela vai ser canalizada mais adiante para alguma atitude que a moça apresentará, como por exemplo: ela pode apresentar um medo súbito de barata, borboleta, formiga. Ou pode parar de nadar porque passou a ter medo de água.

No isolamento tiramos, inconscientemente, o fato angustiante do foco atual. Mas essa energia, um dia, retornará em diversas outras atitudes.

BIBLIOGRAFIA

Zimerman, David E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática. Apresentação na R. Psiquiatr. RS. 1998; 20(1):55-57.

Zimerman, David E. Manual de Técnica Psicanalítica: uma Re-Visão. Porto Alegre. Edit. Artmed. 2003:1-472.

FREUD, SIGMUND Obras Completas - Edição C. 100 anos, Imago-RJ.1999 FREUD, SIGMUND Obras Psicológicas Completas versão 2.0

Volume VI - Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista. A dinâmica da transferência.

Volume XIV- A história do movimento psicanalítico. Volume XIV- Sobre o narcisismo : uma introdução.

SILVA, Dr. HEITOR ANTONIO DA.Mecanismos de Defesa na Psicanálise - Isbn.RJ.2000

LAPLANCHE E PONTALIS, Vocabulário da Psicanálise – Martins Fontes, SP-2000 NICOLA

ABBAGNANO, Dicionário de Filosofia – Martins Fontes, SP-2000